

PINTURA E MARCAÇÕES DE VEÍCULOS NA GUERRA DO PACÍFICO

Por Reinaldo V. Theodoro e Ricardo S. França



Tanque Leve Tipo 95, ilustração de caixa do kit 1/35 da Finemolds. O modelo ilustrado pertence ao 7º Regimento de Tanques, Filipinas, 1942.

Embora as grandes batalhas de blindados no deserto norte-africano e na Europa atraíam a atenção da maioria dos aficcionados por militar em geral, o Teatro de Operações do Pacífico também oferece uma vasta gama de veículos, pinturas e marcações típicas, o que muito interessa ao plastimodelista. Por isso, essa matéria vai apresentar um amplo quadro dos veículos, unidades e marcações utilizadas por aliados e japoneses na Guerra do Pacífico.



Americanos:

Os veículos militares americanos eram pintados de *Olive Drab* desde o fim da 1ª Guerra Mundial e esse padrão manteve-se durante a 2ª. Já o seu número de matrícula, pintado nas laterais, junto à ré, passou a ser pintado de *Blue Drab* a partir de novembro de 1940. Porém, à medida que os veículos eram repintados em oficinas de campanha, que normalmente não contavam com essa tinta em estoque, esses números foram frequentemente pintados de branco ou, às vezes, de amarelo. As marcações táticas foram padronizadas no US Army em janeiro de 1942. A famosa estrela de 5 pontas, de identificação de nacionalidade, passou a ser de

22 polegadas (55,9 cm) de diâmetro, com uma faixa de 4 polegadas (10,2 cm) envolvendo toda a torre dos tanques. Além disso, decidiu-se que as identificações de nacionalidade das unidades blindadas seriam pintadas em amarelo, quando o restante do US Army já havia adotado a cor branca. Isso pode ser atribuído ao fato de que o amarelo é menos visível que o branco à distância, particularmente quanto a servir como ponto de mira para os artilheiros inimigos (como os alemães aprenderam na Polônia, em 1939). Contudo, a escassez de tinta amarela obrigou a força blindada americana a pintar a estrela branca, que acabou padronizada em agosto de 1942. Essas padronizações também estabeleciam tamanhos e posições de cada estrela para cada tipo de veículo. Porém, como essa pintura era feita em depósitos e oficinas de campanha, esses padrões nunca foram rigidamente obedecidos.

Foi padronizado também que cada veículo teria um “nome” começando pela letra da Companhia. Nas unidades de reconhecimento, o nome começaria com “R” e, nas de manutenção, com “M”. Já as unidades de QG poderiam usar qualquer nome, desde que não começasse com letras destinadas às outras unidades.

Foram adotados também nessa ocasião os novos códigos de unidade (chamados de *bumper codes*), que consistiam de uma sequência de números, letras e símbolos que identificavam a unidade a que o veículo pertencia. O *bumper code* era dividido em três grupos: o 1º definia a unidade mais elevada a que pertencia o veículo (Exército, Corpo de Exército, Divisão, Base nos EUA, etc.); o 2º definia unidades menores (regimento, batalhão, etc.); o 3º definia a subunidade (companhia, pelotão, etc.). Normalmente, os dois primeiros grupos eram pintados no lado direito do chassi do veículo e o terceiro no lado esquerdo, sendo sempre pintados na frente e na traseira.

PRINCIPAIS BUMPER CODES	
1º GRUPO:	
Divisão de Infantaria	Número Árábico
Divisão Blindada	Número Árábico + triângulo
Divisão de Cavalaria	Número Árábico + "C"
Corpo-de-Exército	Número Romano
Corpo Blindado	Número Romano + triângulo
Exército	Número Árábico + "A"
2º GRUPO:	
Aeroterrestre	AB
Anfíbio	AM
Anti-Aéreo	AA
Blindado	Losango
Cavalaria	C
Guerra Química	G
Artilharia de Campanha	F ou FA
Infantaria	.I
Polícia Militar	P
Tank Destroyer	TD
3º GRUPO:	
Quartel-General	HQ
Companhia	Letras de A a D
Companhia independente	X
Antitanque	AT
Armas Pesadas	HW
Canhão de Infantaria	CN
Reconhecimento	R
Armas	W
Outras	Letras não-conflitantes.

Exemplo: 1A-751Δ / A-10 significa 10º veículo da Companhia "A", 751º Batalhão Blindado, 1º Exército.

O US Army adotou um quadrado amarelo para registrar o "número de ponte" do veículo (a classe de ponte necessária para que o veículo pudesse atravessá-la, em toneladas), embora na Europa os americanos acabassem copiando o círculo britânico para evitar confusão.

Muitas unidades pintavam figuras (tais como personagens de estórias em quadrinhos, mulheres, etc.), mas os regulamentos desaconselhavam essa prática e, em fevereiro de 1945, passaram a proibi-la formalmente. Porém, essa proibição foi amplamente ignorada, principalmente se houvesse um bom artista na unidade. Outra proibição era a pintura de brasões de unidade. Embora fosse usual enquanto a unidade estava nos EUA, em campanha essa prática representava um sério risco para a segurança. Mesmo assim, algumas unidades, principalmente de artilharia, mantiveram essa prática.

Embora não fosse muito comum na Europa, os tanques americanos no Pacífico utilizaram muitas vezes grandes números de identificação, principalmente na torre.

Contudo, à medida que novos tipos de veículos eram incorporados ao arsenal americano, eles ficavam automaticamente fora dos manuais. Com isso, boletins extras eram lançados e frequentemente conflitavam com instruções contidas nos manuais. Dessa forma, o pessoal das oficinas de campanha sentiu-se desobrigado de obedecê-los e passaram a adotar padrões próprios. Além disso, os comandantes em campanha tinham autorização para eliminar ou substituir quaisquer marcações que eles julgassem um risco para a segurança.

Tudo o que foi dito até aqui se limita ao Exército americano. Já os Fuzileiros Navais, os "Marines", não tinham que seguir nenhuma dessas restrições, embora muitas vezes imitassem os padrões do US Army.

Com tudo isso, as unidades americanas no Pacífico tiveram uma grande variedade de pinturas, marcações e identificações.


O Teatro de Operações do Pacífico não teve divisões blindadas americanas, mas apenas batalhões, que muitas vezes seguiam os mesmos padrões utilizados pelas unidades na Europa, com algumas exceções. A identificação de nacionalidade era a estrela de 5 pontas, mas sem o círculo envolvendo-a. Poucas unidades em ação no Pacífico utilizaram o *bumper code*, usando, ao invés disso, figuras geométricas. Não há evidência fotográfica do uso de pintura de camuflagem pelo US Army, embora fosse muito usada pelo USMC (United States Marine Corps = Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos), principalmente nos dois últimos anos da guerra. Os números de identi-

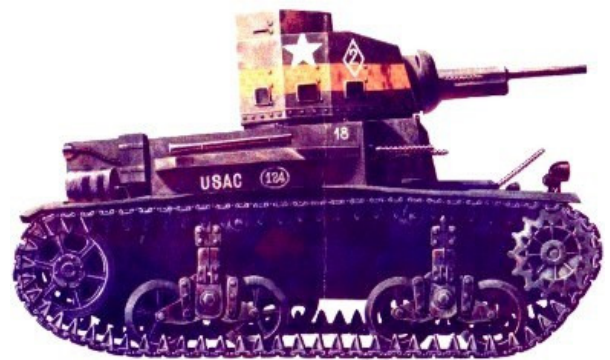
ficação dos tanques, na maioria das vezes, eram os assim chamados “números rápidos”, pintados sequencialmente nos veículos do batalhão, sem qualquer outro significado tático (o tanque Nº 33 era o 33º tanque do batalhão e só).

Os “Amtracs”, de uma maneira geral, eram pintados de cinza azulado (Blue-Gray), muito provavelmente o Ocean Gray da US Navy. Porém, a partir de 1944, houve sérias críticas do US Army a essa pintura, pois ela era inútil depois que o veículo saía da água. Por isso, o US Army começou a pintar os seus LVT de Olive Drab por volta do outono de 1944. Já o USMC, implicitamente chegando à mesma conclusão, produziu camuflagens próprias. Os veículos anfíbios tinham ainda as “marcas de praia”, faixas verticais pintadas nas laterais, frente e ré do casco, indicando a praia em que deveria desembarcar (por exemplo, duas faixas azuis indicavam “Praia Azul 2”). Esse tipo de marcação era usado indistintamente pelo Exército e pelos Fuzileiros Navais.


Os “Marines” praticamente abandonaram a estrela de 5 pontas após Guadalcanal. Os batalhões de tanques dos “Marines” tinham, cada um, seu próprio padrão de pintura, marcas e camuflagem, o qual variava de uma batalha para outra. O uso de blindagens extras era comum no Pacífico, de início através do acréscimo de placas extras de blindagem. No último ano da guerra, os Shermans dos “Marines” utilizavam uma série de artifícios para impedir ataques de esquadrões antitanques suicidas. Em 1945, os 4º e 5º Batalhões aplicaram tábuas nas laterais de seus tanques, preenchendo o espaço entre elas e o casco com cimento. Pretendia-se com isso evitar minas magnéticas, cargas de demolição e cargas ocas. Os japoneses também tentavam aplicar explosivos nas escotilhas dos tanques, levando os americanos a soldar aramados e vergalhões nelas para dissipar o efeito da explosão. Era comum também usar sacos de areia sobre o compartimento do motor para evitar minas magnéticas. Tudo isso fazia com que o veículo ficasse mais pesado e acabou se tornando necessário aplicar extensões (Duck-Bill) nas lagartas para evitar que o tanque atolasse com facilidade. Sacos de areia foram também utilizados, nos últimos anos da guerra, em veículos anfíbios.

Veículos:

 **Tanque Leve M2A4** → Lançado em 1940, o *Light Tank* M2A4 equipava uma companhia do 1º Batalhão de Tanques dos “Marines” durante o combate em Guadalcanal. Depois disso, foi retirado de serviço.




M2A4 do USMC.

 **Tanque Leve M3 Stuart** → Padronizado em julho de 1940, o *Light Tank* M3 baseava-se no chassi do M2, mas com diversos melhoramentos. Ele entrou em produção em março de 1941 e estreou em combate em mãos britânicas, na África do Norte, em 1942. Os ingleses batizaram-no “General Stuart”, iniciando assim a prática de dar nomes de generais da Guerra Civil Americana aos tanques produzidos nos EUA. O Stuart, nas versões M3 e M3A1, esteve na Guerra do Pacífico desde o primeiro momento, equipando dois batalhões de tanques nas Filipinas. Inicialmente, era o equipamento padrão dos tanques enviados ao Pacífico, mas foi gradualmente substituído pelo Sherman. Foi usado até o fim da guerra, inclusive em batalhões de defesa costeira.



M3 Stuart


 **Tanque Leve M5 Stuart** → Adotado em fevereiro de 1942, o M5 foi uma versão muito aperfeiçoada do M3. Em duas versões (M5 e M5A1) ele estreou em combate na Tunísia, em novembro de 1942, e equipou várias unidades no Pacífico a partir do ano seguinte.



M5A1 Stuart




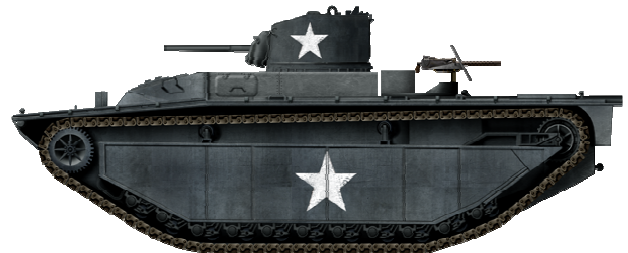
Sherman M4A3¹

 **Tanque Médio M3 Lee** → O *Medium Tank* M3 entrou em produção em agosto de 1941 e foi batizado “General Lee” pelos britânicos. O Lee só foi usado na Guerra do Pacífico uma única vez, quando o 193º Batalhão de Tanques, equipado com ele, apoiou a 27ª Divisão de Infantaria no desembarque em Makin. Quando a ilha foi declarada segura, em fins de novembro de 1943, foi o fim da carreira do Lee como tanque de combate no US Army.





M3 Lee

 **Tanque Anfíbio LVT(A)-1** → O LVT(A)-1 nada mais era que um LVT-2 modificado e equipado com a torre do Stuart. Os tanques anfíbios, também chamados de “Amtanks”, estrearam em combate em Kwajalein, em fevereiro de 1944, tanto no US Army quanto nos “Marines”. Contudo, o LVT(A)-1 não fez muito sucesso, pois seu canhão de 37 mm era inútil contra as casamatas japonesas. Mesmo assim, foi utilizado até o fim da guerra. Teve um total de 510 unidades produzidas, sendo 328 para o US Army e 182 para o USMC.



LVT(A)-1

 **Tanque Médio M4 Sherman** → O *Medium Tank* M4 foi lançado em 1942 e, como outros blindados americanos, estreou em combate em mãos inglesas, em outubro, na Batalha de El Alamein. Seguindo a prática de dar nomes de generais da Guerra Civil Americana, os britânicos batizaram-no “General Sherman”. A primeira vez em que o Sherman entrou em combate na Guerra do Pacífico foi em novembro de 1943, durante o desembarque em Tarawa. Depois disso, o Sherman passou a gradualmente equipar os batalhões de tanques do Exército (versões M4, M4A1, M4A3 e de “Casco Composto”) e dos Fuzileiros (M4A2 e M4A3).

 **Tanque Anfíbio LVT(A)-2** → O LVT(A)-2 era um LVT-2 comum dotado de placas de blindagem na frente e na ré da cabine, frente do casco e nas laterais. Esse veículo foi usado exclusivamente pelo Exército americano (450 unidades).



LVT(A)-2

¹ Para saber detalhes sobre os diferentes modelos do Sherman, veja nossa matéria “Os Shermans”, aqui na seção de Plástimodelismo.

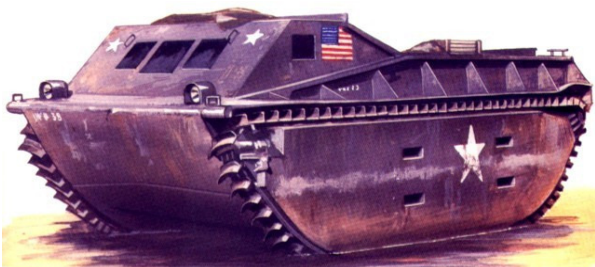
https://www.clubesomnium.org/files/ugd/30f511_2f33d88e7ad54f02865a8c7e829cbd40.pdf

🇺🇸 Tanque Anfíbio LVT(A)-4 → O LVT(A)-4 era um desenvolvimento dos modelos anteriores utilizando a torre do Canhão Autopropulsado Leve M8. Ele estreou nos desembarques nas ilhas Marianas em junho de 1944 e seu canhão curto de 75 mm foi muito bem-vindo, mas a falta de metralhadoras para a sua defesa fez dele um verdadeiro “presente de grego” para as suas tripulações. Em função disso, mudanças foram introduzidas no seu projeto, com a modificação da cabine e o acréscimo de três metralhadoras .30, uma delas numa montagem de bola na proa do veículo. Essa versão ficou extraoficialmente conhecida como “Modelo Marianas”, mas só chegou às unidades de combate em 1945. Teve um total de 1.890 unidades produzidas, sendo 1.307 para o US Army, 533 para o USMC e 50 para o Lend-Lease.



LVT(A)-4

🇺🇸 Trator Anfíbio LVT-1 Alligator → Concebido originalmente para transporte através dos pântanos da Flórida, o “Alligator” foi logo requisitado pelos “Marines” e passou a ser peça fundamental nas operações anfíbias americanas no Pacífico. O LVT-1 estreou em Guadalcanal, atuando depois em Bougainville, Rendova e nas Aleútas. Nessas ocasiões, contudo, foi usado apenas para o transporte de suprimentos dos navios para a praia, pois, apesar de seu aspecto, o LVT-1 não tinha blindagem. Em Tarawa, porém, ele foi usado pela primeira vez numa missão de assalto, utilizando placas de blindagem adicionais de 9 mm. Teve um total de 1.225 unidades produzidas, sendo 540 para o USMC, 485 para o US Army e 200 para o Lend-Lease.



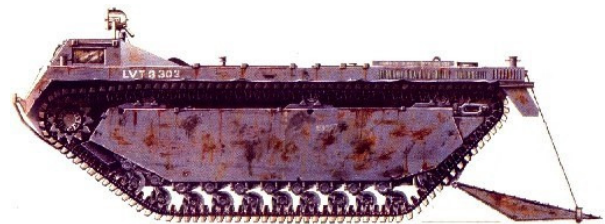
LVT-1 Alligator

🇺🇸 Trator Anfíbio LVT-2 Water Buffalo → O LVT2 estreou em Tarawa e, devido à experiência daquele desembarque, a partir de março de 1944 os LVT-2 passaram a ser produzidos com cabine blindada. Teve um total de 2.962 unidades produzidas, sendo 1.507 para o US Army, 1.355 para o USMC e 100 para o Lend-Lease.



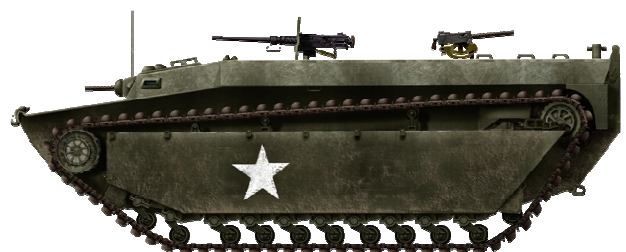
LVT-2 Water Buffalo

🇺🇸 Trator Anfíbio LVT-3 Bushmaster → Possivelmente o último modelo de veículo a entrar em serviço antes do fim da 2ª Guerra Mundial, o LVT-3 atuou somente em Okinawa, cujo desembarque se deu em 01/04/45. Teve um total de 2.964 unidades produzidas, quase todas fornecidas ao USMC (apenas duas foram entregues ao US Army, apenas para testes).



LVT-3 Bushmaster

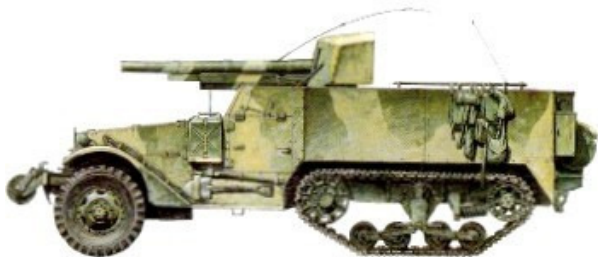
🇺🇸 Trator Anfíbio LVT-4 → O LVT-4 estreou nos desembarques nas ilhas Marianas em junho de 1944. Foi o mais produzido dos “Amtracs” na 2ª Guerra Mundial (8.351 unidades produzidas, das quais 6.083 foram entregues ao US Army, 1.765 para o USMC e 503 para o Lend-Lease).



LVT-4

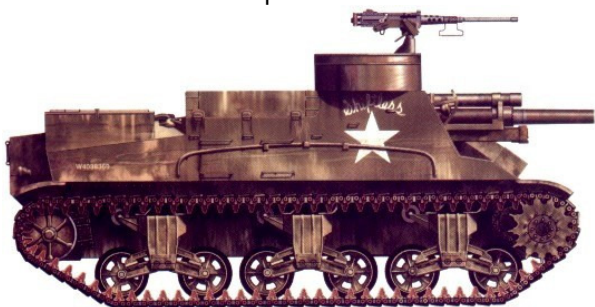
🇺🇸 Canhão Autopropulsado M3 → O CAP M3 nada mais era que um meia-lagarta armado com um canhão de 75 mm. Apesar de concebido originalmente como antitanque, foi muito mais

valioso como artilharia de campanha. Alguns veículos perdidos nas Filipinas em 1942 foram recuperados e utilizados pelos japoneses em 1945. Posteriormente, o M3 foi utilizado pelos “Marines” como arma de apoio.



M3, 2ª Divisão de “Marines”, Tinian, julho de 1944.

Canhão Autopropulsado M7 Priest → O M7 “Priest” (Padre) foi pouco usado no Pacífico, pois sua principal função era prover apoio de artilharia para unidades blindadas. Ainda assim, ele equipou batalhões de tanques, *Tank Destroyers* e outras unidades menores, participando dos combates nas Filipinas e em Okinawa.



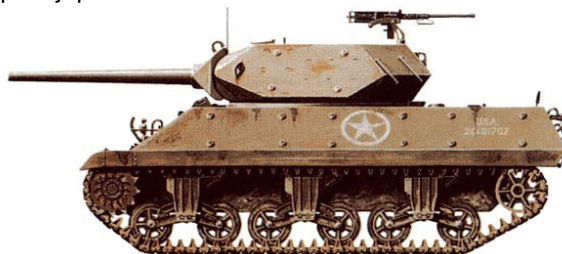
Canhão Autopropulsado M7 “Priest”, 126ª Companhia de Canhões, Luzon, abril de 1945.

Canhão Autopropulsado M8 → O M8 nada mais era que um M5 Stuart com uma torre diferente, armado com um obuseiro de 75 mm. Lançado em fins de 1943, ele se destinava a prestar apoio de fogo aos batalhões de tanques, função na qual participou da campanha do Pacífico. Esteve em Okinawa.



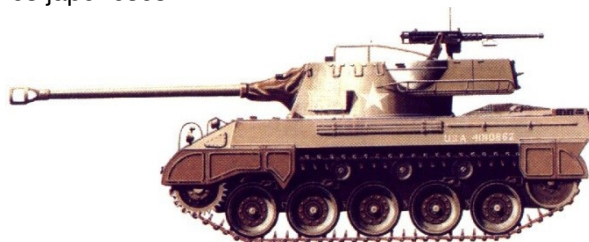
Canhão Autopropulsado M8.

Canhão Autopropulsado M10 → Os *Tank Destroyers* não tiveram, no Pacífico, a importância recebida na Europa. Por isso, apenas 4 batalhões deles foram empenhados na Guerra do Pacífico (3 dos quais equipados com o M10), embora fossem mais usados como artilharia de campanha. Além disso, o fato de não terem “teto” fazia deles presas preferenciais para os esquadrões suicidas antitanques japoneses.



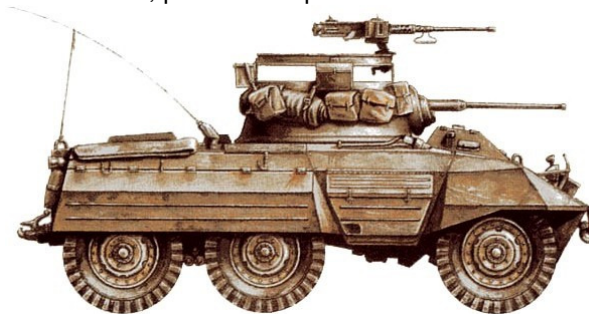
Tank Destroyer M10

Canhão Autopropulsado M18 Hellcat → O *Tank Destroyer* M18 “Hellcat” foi lançado no início de 1944 e praticamente toda a sua produção foi destinada à Europa. Porém, em 1945, algumas poucas unidades no Pacífico foram equipadas com ele, como o 637º Batalhão de *Tank Destroyers* e unidades menores, tais como as Companhias Antitanques das divisões de infantaria (como a 77ª Divisão, em Okinawa). Como o M10, ele não tinha “teto”, o que era uma grande desvantagem no combate cerrado com os japoneses.



Tank Destroyer M18 Hellcat.


Carro Blindado M8 Greyhound → Mais importante carro blindado americano da 2ª Guerra Mundial, o “Greyhound” foi lançado em 1943 e atuou no Pacífico em tarefas vitais de reconhecimento, patrulha e apoio.



Carro Blindado M8 Greyhound


Batalhões:

O US Army empenhou no Pacífico um total de 45 batalhões, sendo 15 de tanques, 23 de tratores anfíbios e 7 de tanques anfíbios. A organização dos batalhões de tanques do US Army contava com três companhias de tanques médios (Sherman) e uma de leves (Stuarts).

 **44º Batalhão de Tanques** → Este batalhão chegou a Finschhafen, Nova Guiné, a 11/05/44, atuando em Hollandia e Aitape. Ele estava equipado com o M4A1 e, já nessa ocasião, não utilizava marcas de nacionalidade no casco nem na torre e utilizava pequenos “números rápidos” nas laterais da torre, perto da parte de trás dela, e na traseira do veículo. Também escreviam nomes para o tanque, sem coerência com a letra da companhia. Depois disso, o batalhão foi reequipado com M4 Shermans de “Casco Composto” e rumou para as Filipinas, combatendo em Leyte e Luzon, onde teve atuação destacada na luta por Manila. Depois, lutou ainda em Okinawa. O 44º tinha então um complicado padrão de patentes militares para distinguir companhias e pelotões e aplicava uma grande estrela de 5 pontas sobre a tampa do motor e outra menor, sobre a torre, para identificação aérea.




Símbolo do 3º Pelotão, Companhia “C”, 44º Batalhão.

 **192º Batalhão de Tanques** → Os únicos tanques americanos no Pacífico a 07/12/41 eram 108 M3, versão de construção soldada e com torre octogonal, que equipavam os 192º e 194º Batalhões de Tanques em Luzon, nas Filipinas. Havia ainda 50 veículos de meia-lagarta armados com canhões franceses de 75 mm. Ambos os batalhões foram perdidos com a queda de Bataã.



M3 Stuart, Companhia “B”, 192º Batalhão, Luzon, dezembro de 1941.


 **193º Batalhão de Tanques** → Este batalhão utilizava apenas o 3º grupo do *bumper code*, mas a identificação do batalhão era um pequeno triângulo amarelo com um quadrado vermelho dentro. Em Makin, o batalhão estava equipado com o tanque médio M3 Lee (foi a única unidade a empregar o Lee no Pacífico) e o M3A1 Stuart, em ambos os casos ostentando grandes marcas de nacionalidade na torre (no caso do Lee, incluindo a traseira da torre). Depois, atuou em Okinawa, equipado com Shermans.





M3A1 do 193º Batalhão de Tanques, Ilha Makin, novembro de 1943. Os tanques desse batalhão usavam os chamados “números rápidos” e as estrelas de 5 pontas. Pouco visível na traseira, à esquerda, está o símbolo do batalhão (V. abaixo).



Símbolo do 193º Batalhão de Tanques.

 **194º Batalhão de Tanques** → Este batalhão estava equipado com M3 Stuart em Luzon, Filipinas, e foi destruído na luta pela ilha.

 **706º Batalhão de Tanques** → Em Guam, os Shermans de “casco composto” do 706º utilizavam grandes números de três Algarismos nas torres (“751” e “758” são exemplares conhecidos). O seu número de matrícula era pintado na posição convencional, nas laterais, junto à ré, com as palavras “US Army” sobre ele. O “nome” do tanque era escrito logo à frente dessas marcas. Evidências fotográficas indicam que as marcas de nacionalidade eram sistematicamente apagadas. Esteve também em Leyte e em Okinawa.

 **708º Batalhão de Tanques Anfíbios** → Usou LVT(A)-1, LVT(A)-2 e LVT-2 em Kwajalein (01/02/44), Eniwetok (18/02/44) e Marianas (15/06/44), onde recebeu a Citação Presidencial de Unidade por sua ação naquela campanha. Em Saipan, o batalhão havia sido reequipado com LVT(A)-1, LVT(A)-2, LVT-4 e LVT(A)-4. Depois disso, atuou ainda em Okinawa.





Tanque Anfíbio LVT(A)-1, 708º Batalhão de Tanques Anfíbios, Saipan, junho de 1944. Sua pintura é em *Blue-Gray* e as duas faixas verticais amarelas² na lateral indicam que ele se destinava à praia de nome-código “Amarelo 2”. Observe a posição do símbolo do batalhão (o triângulo – V. abaixo) e do “nome” do veículo (*Crazy Legs*, indicando que ele pertencia à Companhia “C”) e do *bumper code* (C-20). O 708º também utilizava figuras geométricas atrás da torre para identificar as companhias, sendo um quadrado branco para a “A”, um triângulo vermelho para a “B” e um quadrado amarelo para a “C”. O número “2” dentro da figura indica a “onda” de desembarque. O veículo aqui ilustrado foi destruído ao chegar à praia, no dia do desembarque em Saipan.


² Na realidade, a ilustração está errada, pois, embora a praia fosse realmente a “Amarelo 2”, as faixas haviam sido pintadas de branco por falta de tinta amarela.



Símbolo do 708º Batalhão.


 **710º Batalhão de Tanques** → Atuou apenas em Peleliu (setembro de 1944).

 **711º Batalhão de Tanques** → Só atuou em Okinawa (abril a junho de 1945).

 **713º Batalhão de Tanques** → Embora originalmente fizesse parte da 11ª Divisão Blindada (que lutou na Europa), o 713º foi destacado da divisão, organizado, treinado e equipado como o único batalhão de tanques lança-chamas do Exército americano. Ele era composto por 54 Shermans lança-chamas. Contudo, ele só ficou operacional em janeiro de 1945, a tempo somente para a invasão de Okinawa. Ele utilizava os *bumper codes* completos e números de um ou dois Algarismos nas laterais e ré da torre e na traseira (“86” e “90” são exemplares conhecidos).



M4 (105 mm), 713º Batalhão de Tanques, Okinawa, 1945. Este veículo teve as marcações de nacionalidade obliteradas com lama por sua tripulação para não permitir que os artilheiros japoneses as usassem como ponto de mira. Contudo, quando a lama secava, ela ficava bastante clara, frustrando os esforços dos soldados.

 **716º Batalhão de Tanques** → Embora esse batalhão tivesse uma cruz no centro de um losango como seu símbolo, ele era mais facilmente identificado por uma grande cabeça de lobo pintada nas laterais do casco ou da torre. O 716º atuou na Nova Guiné, em Leyte, Luzon e outras ilhas filipinas.



“Classy Peg”, um M4A3 do 716º Batalhão de Tanques, Luzon, 1945.



Símbolo do 716º Batalhão.

754º Batalhão de Tanques → Este batalhão lutou em Bougainville em 1944 e em Luzon no ano seguinte. Ele utilizava símbolos geométricos para identificar a companhia (quadrado na “A”, triângulo na “B” e círculo na “C”) e pequenos traços para identificar os pelotões. O número do tanque era pintado dentro da figura geométrica e essa identificação era pintada nas laterais do casco (perto da traseira) e na ré da torre. Utilizava a estrela de 5 pontas na torre e nomes que não acompanhavam a letra da companhia (“Lucky Legs II” é um exemplar conhecido).

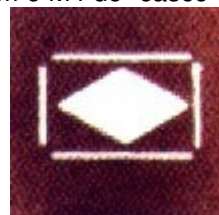


Padrão de identificação do 754º Batalhão. Na seqüência, 1º tanque, 1º Pelotão, Companhia “A”; 1º tanque, 2º Pelotão, Companhia “B”; e 3º tanque, 3º Pelotão, Companhia “C”.

762º Batalhão de Tanques → Apoiou o desembarque da 27ª Divisão de Infantaria em Saipan, em junho de 1944, equipado com Shermans e Stuarts M5A1.

763º Batalhão de Tanques → Esta unidade utilizava apenas o 3º grupo do *bumper code* e o símbolo do batalhão era um losango dentro de um retângulo seccionado. Usava também os chamados “números rápidos” e estrelas de 5 pontas nas laterais do casco e da torre e na cobertura da transmissão (todas foram obliteradas na campanha de Leyte). Os nomes de seus tan-

ques seguiam a regra da inicial pela letra da companhia. Em Leyte e em Okinawa, o batalhão foi equipado com o M4 de “casco composto”.

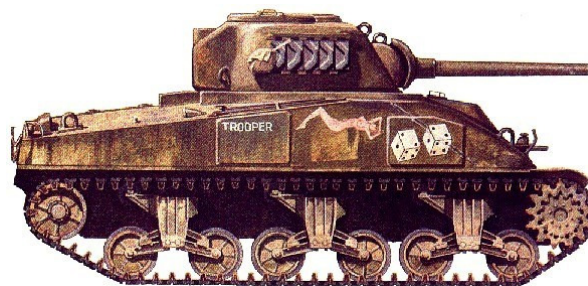


Símbolo do 763º Batalhão.

766º Batalhão de Tanques → Esteve em Eniwetok em fevereiro de 1944 e apoiou o desembarque da 27ª Divisão de Infantaria em Saipan, equipado com Shermans e Stuarts M5A1.

767º Batalhão de Tanques → Esteve em Kwajalein em fevereiro de 1944, equipado com M4A1 Sherman, M5A1 Stuart e M10 (foi a estreia do M10 no Pacífico). Seus blindados utilizavam as estrelas de 5 pontas nas laterais da torre e do casco e os “números rápidos” nas laterais da torre e nas posições do 3º grupo do *bumper code*. Os nomes dos veículos não acompanhavam as letras das companhias (“Lucky Tiger”, número 58, é um exemplar conhecido). Depois, o batalhão atuou em Leyte e em Okinawa.


775º Batalhão de Tanques → Este batalhão teve o batismo de fogo na Nova Guiné, em junho de 1944. No ano seguinte, em Luzon, o 775º utilizava uma interessante identificação utilizando dois dados. Aparentemente, o primeiro assinalava a companhia e o segundo, o pelotão.





M4 Sherman de “Casco Composto” do 775º Batalhão de Tanques, Luzon, março de 1945. Observe a pintura de dois dados no casco, usada como identificação tática.





Símbolo do 775º Batalhão.


 **776º Batalhão de Tanques Anfíbios** → O 776º estreou em Angaur (Ilhas Palau) a 17/09/44, atuando depois em Leyte e Okinawa.

 **780º Batalhão de Tanques Anfíbios** → Este batalhão esteve presente nos desembarques de Leyte e Okinawa.

 **632º Batalhão de Tank Destroyers** → Este batalhão era equipado com M10. Ele esteve em Hollandia, Aitape (Nova Guiné), Leyte e Luzon.


 **637º Batalhão de Tank Destroyers** → Esteve em Luzon em 1945. Foi o único batalhão equipado com o "Hellcat" no Teatro de Operações do Pacífico. Suas marcações eram as convencionais, com a estrela de 5 pontas pintada nas laterais da torre, sobre a tampa do motor e na frente do casco.

 **640º Batalhão de Tank Destroyers** → Esteve em ação na Nova Bretanha em meados de 1944 e nas Filipinas. Era equipado com M10.

 **819º Batalhão de Tank Destroyers** → Equipado com M10, atuou apenas em Angaur (Ilhas Palau), em fevereiro de 1945.

Para evitar uma exaustiva e enfadonha listagem, os seguintes batalhões de tratores anfíbios do US Army atuaram no Pacífico: 534º, 536º, 539º, 540º, 658º, 672º, 715º, 718º, 726º, 727º, 728º, 773º, 788º e 826º.

Em 1941, o USMC começou a receber seus primeiros tanques (M2A4 e M3), planejando criar um batalhão para cada divisão. Ao todo, ele criou 20, entre batalhões de tanques (6), tratores (11) e tanques anfíbios (3). O Stuart, que inicialmente equipou os batalhões do USMC, foi gradualmente substituído pelo Sherman.

 **1º Batalhão de Tanques de Corpo** → O 1º Batalhão de Tanques de Corpo dos "Marines" diferenciava-se dos outros batalhões por não ser ligado a nenhuma divisão (cujos batalhões de tanques possuíam apenas tanques leves). Ele foi criado a 18/01/43 e organizado com quatro companhias de tanques médios M4A2 Sherman. A Companhia "C" foi destacada para apoiar a 2ª


Divisão em Tarawa. À medida que mais Shermans tornavam-se disponíveis e que os batalhões das divisões passavam a ser equipados com eles, a necessidade dessa unidade esvaiu-se e o batalhão foi desativado a 15/02/44. Seus elementos foram utilizados para formar novos batalhões de tanques dos "Marines". Em Tarawa, os Shermans tinham um nome começando com "C" nas laterais do casco (nomes conhecidos são: China Gal, Chicago, Cobra, Cecília, Commando, Cannonball, Colorado, Charlie e Condor³). Tinham também, pintado acima do nome, o desenho de um elefante, que posteriormente foi adotado como símbolo do 3º Batalhão de Tanques.



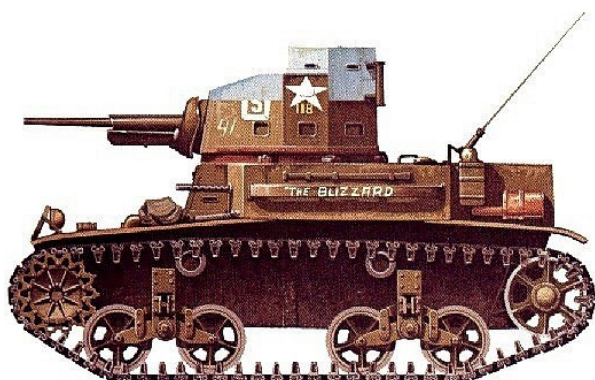
Sherman M4A2 "China Gal", Companhia "C", 1º Batalhão de Tanques do USMC, Tarawa, novembro de 1943.



Símbolo do 1º Batalhão de Tanques de Corpo do USMC e, depois, do 3º Batalhão de Tanques dos "Marines".

 **1º Batalhão de Tanques do USMC** → O 1º Batalhão de Tanques dos "Marines" estreou em Guadalcanal, com uma composição mista: a Companhia "A" era equipada com M2A4, a "B" com M3 (versão posterior, com torre arredondada) e a "C" com M3A1. Ele adotou um padrão de pequenas figuras geométricas e faixas horizontais na torre de seus Stuarts. Em Guadalcanal, os Stuarts dessa unidade adquiriram um aspecto avermelhado, devido ao sangue dos soldados japoneses que eram abatidos quando tentavam abrir as escotilhas. Nas batalhas posteriores, o batalhão adotou a letra da Companhia, seguida por um número de dois algarismos. O batalhão esteve ainda em Peleliu e em Okinawa.

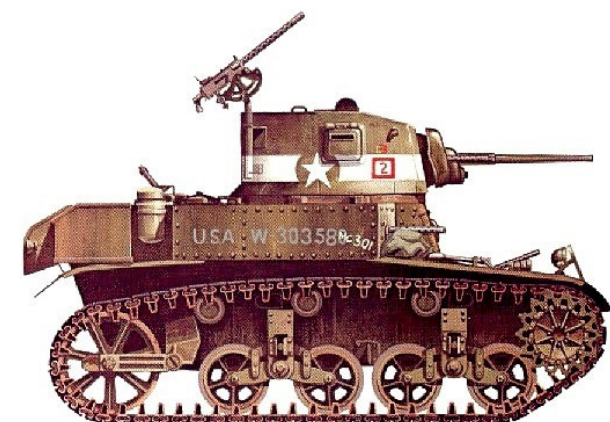
³ O "Condor" foi destruído por engano pela própria aviação americana.



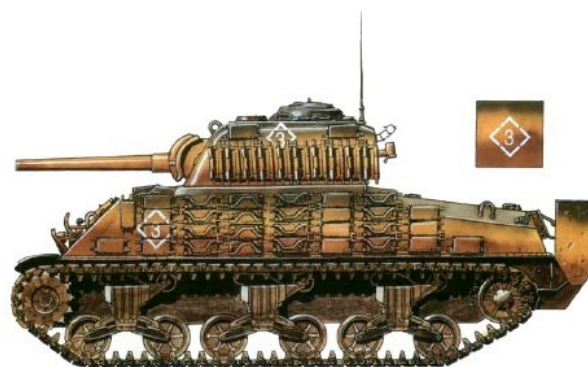
Tanque Leve M2A4, Companhia "A", 1º Batalhão de Tanques dos "Marines", Guadalcanal, setembro de 1942.



Tanque Leve M3, Companhia "B", Guadalcanal, 1942. Durante o treinamento na Austrália, alguns tanques dessa unidade receberam uma camuflagem improvisada, neste caso com faixas de Sand e marrom sobre o Olive Drab.



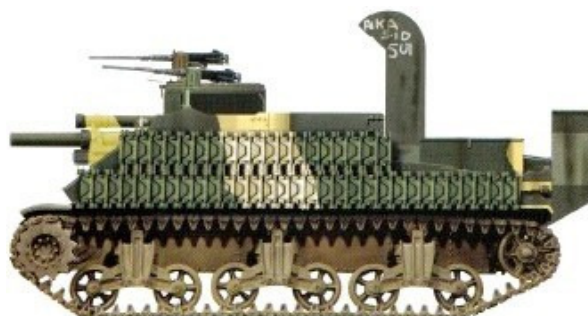
Tanque Leve M3A1 Stuart, Companhia "C", Guadalcanal, dezembro de 1942.




Sherman M4A2 do 1º Batalhão de Tanques dos "Marines", Okinawa, abril de 1945. Tendo aprendido o que esperar dos "caçadores de tanques" da infantaria japonesa, os tanques desse batalhão receberam muita proteção extra. Observe a pesada proteção com sacos de areia e pedaços de lagarta. As cores são Sand e Red Brown ou Earth Red sobre o Olive Drab. Abaixo, outros exemplos de identificação de unidade (o da ilustração acima é um "3" dentro de um losango, na torre e lateral), que certamente identificavam as companhias. O mesmo símbolo e número são repetidos na traseira do schnorkel.




Símbolos táticos do 1º Batalhão de Tanques dos "Marines" em Okinawa. Seus tanques levavam os números táticos dentro de formas geométricas. Aparentemente, a figura indicava a companhia e o número, o pelotão.



Canhão Autopropulsado M7, Companhia de Armas Especiais, 1ª Divisão de "Marines", Okinawa, julho de 1945. Embora os canhões autopropulsados de campanha, na maioria das vezes, fossem mantidos na cor Olive Drab original, neste caso temos o M7 na função de canhão de assalto e, portanto, teve que ser camuflado. O veículo recebeu uma camuflagem em Sand. Os números escritos no schnorkel são para a operação de embarque nos navios de transporte.

 **2º Batalhão de Tanques do USMC** → O batalhão estreou em Tulagi, nas ilhas Salomão, em agosto de 1942. Ao tempo de Tarawa, o 2º Batalhão estava equipado apenas com o M3A1 Stuart⁴, os quais utilizavam um triângulo amarelo oco na torre, com o número do veículo dentro dele (apenas as companhias “B” e “C” participaram do ataque). Nas Marianas, o batalhão, agora equipado com M4A2 Sherman, utilizou um padrão com a letra da Companhia seguida por um número de dois algarismos, pintada na torre, enquanto um nome começando pela letra da Companhia era pintado nas laterais do casco. Nas Marianas, o batalhão empregou pela 1ª vez o tanque lança-chamas “Satan”, baseado no tanque leve M3A1.

 **3º Batalhão de Tanques do USMC** → Durante a luta em Bougainville, os M3A1 desse batalhão utilizaram um grande quadrado branco pintado nas laterais da torre, com bordas vermelhas e o número do veículo dentro dele (em alguns tanques, havia apenas pequenos símbolos geométricos). Todos tinham nomes e a maioria tinha figuras de mulheres nuas pintadas no casco. Quando o batalhão foi reequipado com o M4A2 Sherman, ele adotou como símbolo o elefante que havia sido o símbolo do 1º Batalhão de Tanques de Corpo dos “Marines”. Adotou também, como símbolo do batalhão, um losango deitado com um número dentro. Em 1945, para a batalha de Iwo Jima, ele adotou ainda a estrela de 5 pontas sobre uma faixa branca, como usado pelos aviões do USMC. Utilizou “números rápidos”, pintados nas laterais da torre e nos dois lados do mantetele e as palavras “US Marines” na cobertura da transmissão. O veículo era pintado apenas de *Olive Drab* e o “nome” do veículo seguia a letra inicial da companhia.



M3A1 do 3º Batalhão de Tanques dos “Marines”, durante a luta por Bougainville, 1943.


⁴ O canhão de 37 mm do Stuart revelou-se tão ineficaz contra as casamatas japonesas que suas tripulações, em desespero, simplesmente arremetiam seus tanques contra elas e dispararam alto-explosivo através de suas aberturas de tiro.



“Destroyer”, um M4A2 do 3º Batalhão de Tanques dos “Marines”, Iwo Jima, fevereiro de 1945. Esse exemplar mostra as várias marcações dessa unidade: a estrela sobre uma faixa branca, um losango com um número dentro e o elefante. O significado do triângulo não é conhecido. Ele também tem um segundo nome (“Donna”) pintado no canhão.



Símbolos do 3º Batalhão de Tanques dos “Marines” em Iwo Jima.

 **4º Batalhão de Tanques do USMC** → Ele estreou em Kwajalein em fevereiro de 1944, equipado com M4A2 Sherman (Companhias “A” e “C”) e M5A1 Stuart (“B”). Desde então ele adquiriu a prática de aplicar tábuas nas laterais de seus tanques, para evitar as minas magnéticas japonesas. Nas Marianas, o batalhão estreou o tanque lança-chamas “Satan”. Embora o USMC já tivesse abolido os Stuarts em seus batalhões, o 4º contava ainda com alguns M5A1. Uma característica interessante de seus veículos nessa ocasião foi a prática de pintar o topo das torres dos tanques de branco com o número dele em vermelho, para fins de reconhecimento aéreo. Em Iwo Jima, seus tanques tinham nomes começando pela letra da companhia (“Bed Bug”, “Cairo” e “Doris” são exemplos conhecidos) e grandes números táticos nas laterais da torre ou do casco. Os Shermans desse batalhão foram pesadamente reforçados para a luta em Iwo Jima. O símbolo do batalhão era um semicírculo.



Tanque Leve M5A1, Companhia "A", 4º Batalhão de Tanques do USMC, Kwajalein, 1944. Alguns tanques desse batalhão utilizaram uma pintura de camuflagem de *Sand* sobre o *Olive Drab*. Algumas unidades dos "Marines" seguiram a prática do Exército de dar nomes começando com a letra da companhia, porém, o 4º Batalhão, por alguma razão, utilizava nomes começando com outras letras: a Companhia "A" usava H ou I; a "B", F ou G; e a "C", J ou K.. Existe ainda uma foto de um M5A1 do 4º Batalhão em Saipan com o nome "Margaret". Observe o símbolo do batalhão (o semicírculo) antes do nome do tanque ("Hunter").




M4A2 (W) Sherman, 4º Batalhão USMC, Iwo Jima, 1945. Os tanques nessa ocasião eram pintados com *Sand* e *Olive Drab*. O número tático "15" é pintado em branco nas laterais da torre e o nome "Boomerang", que indica a Companhia "B", fica logo abaixo do símbolo do batalhão. Outros nomes conhecidos são: "Bed Bug" (20A), "Black Jack" (21), "Bronco" (27), "Comet" (38) e "Coed" (40). "Cairo" (41) e "Doris" (53) tinham os números pintados no casco.



M4A2, Companhia "B", 4º Batalhão de Tanques dos "Marines", Saipan, junho de 1944. Observe o semicírculo na lateral, com o número 133 dentro. Quando o batalhão foi reequipado, passou a batizar seus tanques com nomes começando com as letras B, C e D.

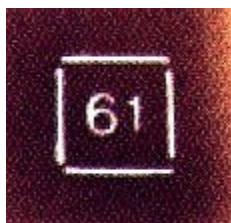


Símbolo do 4º Batalhão de Tanques dos "Marines".

 **5º Batalhão de Tanques do USMC** → O 5º Batalhão utilizava um pequeno quadrado como identificação de unidade, com um número de dois algarismos dentro. A prática de dar nomes aos tanques não era muito disseminada nessa unidade. Esteve apenas em Iwo Jima, onde seus M4A2 Shermans eram pintados com padrões de camuflagem de *Sand* e *Red Brown* sobre o *Olive Drab*.



M4A2 Sherman, 5º Batalhão de Tanques do USMC, Iwo Jima, fevereiro de 1945. Esta ilustração é da caixa do kit da Italeri, escala 1/35, mas a pintura é apenas em Olive Drab e pode estar incorreta.



Símbolo do 5º Batalhão de Tanques dos "Marines".

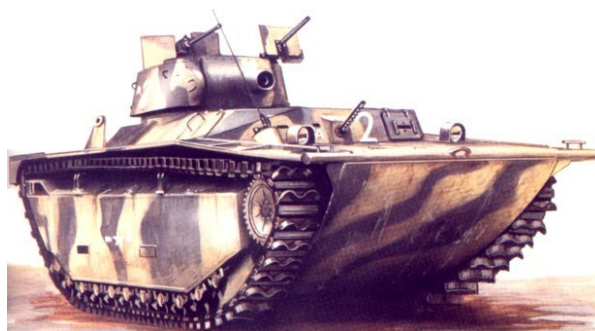
6º Batalhão de Tanques do USMC → Criado como parte da 6ª Divisão de Marines, o 6º Batalhão foi equipado com o M4A3 Sherman. Seus tanques eram pintados com padrões de camuflagem de *Sand* e *Red Brown* sobre o *Olive Drab*. O sistema de identificação imitava o sistema britânico, com formas geométricas com o número do tanque pintado dentro em branco (exemplares conhecidos são: um triângulo amarelo e um número "1", um triângulo amarelo e um número "3" e um círculo amarelo e um número "3"). Essa marcação era pintada nas laterais do veículo, perto da frente, e na ré da torre. Os tanques utilizavam pedaços de lagartas e placas como proteções adicionais. O batalhão esteve apenas em Okinawa (de abril a junho de 1945).

1º Batalhão Anfíbio Blindado → As primeiras unidades de tanques anfíbios foram criadas em outubro de 1943, equipadas com o LVT(A)-1. Essa unidade estreou na Nova Bretanha em dezembro de 1943, embora apenas em tarefas de logística. Ele apoiou os desembarques em Roi e Namur e participou de praticamente todos os desembarques de assalto realizados pelos "Marines" até o fim da guerra.

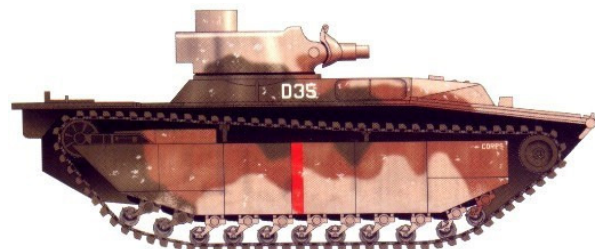


LVT(A)-1, 1º Batalhão Anfíbio Blindado, Kwajalein, 1944. A pintura é em *Blue-Gray*.

2º Batalhão Anfíbio Blindado → Entre outras ações, esse batalhão apoiou os desembarques nas Marianas e em Iwo Jima.

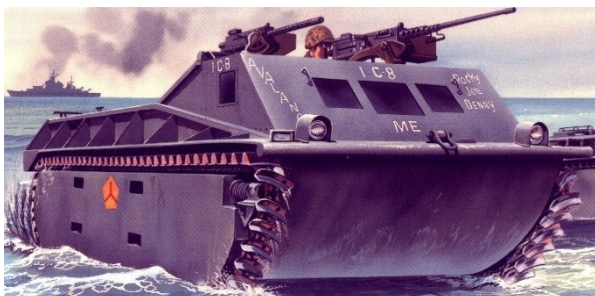


LVT(A)-4, 2º Batalhão Anfíbio Blindado, Tinian, agosto de 1944. Faixas de *Sand* foram aplicadas sobre o *Blue-Gray* original.



LVT(A)-4, 2º Batalhão Anfíbio Blindado, Iwo Jima, fevereiro de 1945. A pintura é de *Sand* e *Red Brown* sobre o *Olive Drab*. O *bumper code* (D35) é repetido na frente e na ré do veículo.


3º Batalhão Anfíbio Blindado → Este batalhão apoiou os desembarques em Peleliu (Ilhas Palau) em 15/09/44. Seus veículos utilizavam o *bumper code* em letras e algarismos grandes na frente e traseira do casco e nas laterais da torre. Os nomes dos veículos, porém, não seguiam a inicial com a letra da companhia.



LVT-1 do 3º Batalhão Anfíbio Blindado, Bougainville, novembro de 1943. Observe o símbolo do batalhão na lateral e o excesso de palavras na frente (“Avalanche” é o nome do veículo, indicando que ele pertence à Companhia “A”).



Símbolo do 3º Batalhão Anfíbio Blindado.

 **Batalhões de Tratores Anfíbios** → Foram onze os batalhões de tratores anfíbios criados pelo USMC (1º a 11º). Apenas como exemplo, os 1º e 2º atuaram em Guadalcanal; o 2º em Tarawa; os 2º, 4º e 10º em Saipan; o 4º em Kwajalein (com LVT-2); e os 1º, 2º, 4º, 8º e 9º em Okinawa.



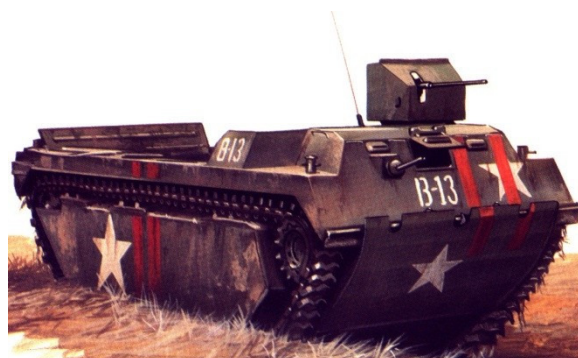
LVT-1, 2º Batalhão de Tratores Anfíbios do USMC, Tarawa, novembro de 1943. Observe as placas de blindagem adicionais especialmente adaptadas para a invasão de Tarawa.



LVT-4, 4º Batalhão de Tratores Anfíbios, Tinian, julho de 1944. Este exemplar tem uma interessante camuflagem de *Blue-Gray* sobre o *Olive Drab*.



LVT-2, 4º Batalhão de Tratores Anfíbios do USMC, Iwo Jima, fevereiro de 1945. Este exemplar utiliza manchas de *Sand* e *Red Brown* sobre o *Olive Drab*. O número é amarelo (o que parece II, na verdade, são as faixas designativas de praia de invasão, nesse caso, “Amarelo 2”). O *bumper code* é B-42, pintado nas laterais e na frente.



LVT-3 do 1º Batalhão de Tratores Anfíbios do USMC, Coreia, dezembro de 1950. As marcações são praticamente idênticas às utilizadas em Okinawa, onde o LVT-3 estreou. A cor do veículo agora é o *Forest Green* (também chamado de “*Marine Green*”), adotado no pós-guerra.

Os “Marines” formaram também batalhões de defesa para guarnecer ilhas e proteger costas. Esses batalhões receberam uma pequena dotação de M3A1 Stuart. Por exemplo, o 9º Batalhão de Defesa atuou em Munda, o 10º Batalhão na Nova Geórgia e o 11º Batalhão em Arundel.



Japoneses:

Primeiramente, é preciso esclarecer a nomenclatura japonesa. Todos os veículos e armamentos japoneses, em geral, a partir de 1930, foram designados em função do sistema de cronologia baseado na fundação do Império (em 660 a.C.). Até 1940, as marcações eram de forma completa ou pelos dois últimos algarismos. Assim, tomando como exemplo o ano de 1934, os modelos lançados nesse ano teriam a designação “Tipo 2594” (2594 = 1934 + 660) ou “Tipo 94”. Em 1940, o Exército japonês adotou a nomenclatura “Tipo 100”, enquanto a Marinha optou por “Tipo 0”. Daí por diante, a numeração do modelo passou a ser

de apenas dois algarismos, embora só se mencionasse o último durante a década de 40: “Tipo 1”, correspondendo ao ano de 1941, “Tipo 2” ao de 1942, etc.

Além disso, algumas máquinas recebiam nomes, em função do tipo de veículo, tais como: Chi-Ha, Chi-He, Ho-Ro, Ke-Go, etc. A primeira parte do nome indicava a sua classificação. Por exemplo, “Chi” é a abreviatura de *Chiu*, ou seja, “Médio” em japonês. A segunda parte era uma letra do alfabeto japonês, dada ao veículo na ordem alfabética, indicando a “geração” do veículo. Assim, o primeiro tanque médio japonês seria o Chi-I (ou Chi-Yi); o segundo, Chi-Ro; o terceiro, Chi-Ha, e assim sucessivamente. Perceba, porém, que essa letra era dada pelo início do desenvolvimento do tanque, não na ordem de entrada em serviço. Outras denominações conhecidas são: Ke (abreviatura de *Kei* = Leve), Ho (*Ho* = Canhão); TK (*Tokusyū-Keninsha* = Trator Especial); SS (*Soko-Sagyosha* = Veículo de Serviço Blindado); So-Ki (*Soko Kidōsha* = Carro Blindado Ferroviário). Ainda assim, algumas vezes havia variações. Por exemplo, Ka-Mi era formado pela palavra “flutuante” e da primeira sílaba do título do fabricante, a Mitsubishi. Contudo, alguns veículos receberam nomes cujo significado ainda não foi esclarecido. Por exemplo, o Te-Ke (Tanquete Tipo 97) parece ser uma abreviação não identificada.

Antes e durante a guerra, a Inteligência aliada foi forçada a batizar veículos e aviões japoneses para fins de identificação. Em tempo de guerra, tudo bem! O problema é que nomes incorretos acabaram perpetuados por autores ocidentais. Um caso clássico é o do chamado Carro Blindado Tipo 93 “Sumida”. De fato, este era o Carro Ferroviário Blindado Tipo 91 (sem nenhum “apelido”). Nomes como “Sumida” ou “Osaka” eram dados em função da presunção de que estes veículos eram produzidos nesses arsenais. Outro caso é o do Tanque Médio Tipo 89 Yi-Go, que ainda hoje é referido em fontes ocidentais como Chi-Ro. A cor básica para a pintura dos veículos japoneses era chamada de “cáqui”, mas, de fato, assemelhava-se ao verde oliva. Os veículos japoneses eram pintados numa variedade de padrões de camuflagem, usando duas, três ou mais cores, sobre a cor básica. Dependendo do teatro de operações, o veículo poderia receber camuflagens em *Parched Grass* (semelhante ao ocre), marrom escuro e/ou verde escuro. Eventualmente, recebia faixas irregulares em amarelo, formando uma cruz, vista de cima, com o ponto de encontro sobre a torre. Contudo, não havia regras estabelecidas para essa pintura, de forma que ela ficava mesmo por conta da imaginação de seus executantes.



Este Chi-Ha do 1º Regimento de Tanques (3ª Companhia) apresenta a pintura típica do início da Guerra do Pacífico: a base de “cáqui”, com camuflagens em *Parched Grass*, marrom escuro e verde escuro, com as faixas em amarelo, formando uma cruz sobre o veículo.

Em 1942, o Exército japonês introduziu um novo padrão de pintura para tanques empenhados em regiões tropicais. No lugar da base de “cáqui”, foi adotado um tipo de verde claro (ou *khaki green*). As faixas amarelas foram eliminadas e o *Parched Grass* foi limitado à suspensão e partes inferiores, devido às suas propriedades antiferruginosas. Contudo, nas áreas avançadas, tais regulamentos eram facilmente ignorados.



Este Ha-Go da 14ª Divisão de Infantaria japonesa, na ilha de Peleliu, em 1944, exibe a nova cor padrão de verde claro (ou *Willow Green*). Porém, ele mantém as faixas irregulares amarelas. As demais cores são o *Parched Grass* (superfícies inferiores) e o marrom.

Cores Utilizadas pelo Exército Japonês e seus Equivalentes Comerciais:				
Cor	Humbrol	Testors	Tamiya	Gunze
Cáqui	72	-	XF49	H81
Marrom	10	3017	X9	H7
Parched Grass	84	-	XF59	-
Verde Escuro	-	2114	XF13	-
Verde Claro	30	-	XF26	-
Earth	29	-	XF52	-
Dark Blue Gray	-	-	XF24	-
Amarelo	-	2118	XF3	-

Algumas unidades poliam ou pintavam a pequena estrela que era parafusada na frente do tanque. Outras unidades adotavam uma pequena bandeira japonesa.

Era muito comum o uso de letras do alfabeto *Kana* nos lados das torres, que podiam ter diversos significados. Algumas unidades (especificamente, os 13º e 28º Regimentos de Tanques, mas, provavelmente, não apenas eles) utilizavam as letras *I*, *Ni*, *As*, *Yo* e *Ko* como abreviaturas dos números das companhias em japonês (Ichi, 1; Ni, 2; San, 3; Yo, 4 e Go, 5).

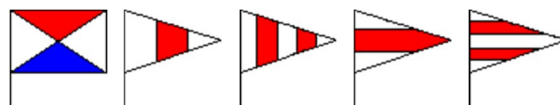
Os tanques japoneses utilizavam uma placa de identificação, conforme o modelo a seguir:



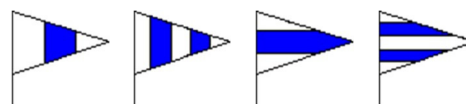
Modelo de placa de identificação de tanques japoneses.

A placa era pintada na traseira dos tanques. A estrela indicava Exército, enquanto uma âncora identificava o veículo como pertencendo à Marinha. A linha de cima de símbolos *Kanji* era a abreviação de *Sensha Rentai* (Regimento de Tanques) e a linha de baixo era o número do regimento. O número em algarismos arábicos identificava o veículo. Durante os primeiros anos da

guerra, muitos tanques japoneses não tinham rádio e a identificação, bem como a comunicação, era feita por bandeiras.



Essas bandeiras identificam, respectivamente, o comandante da Companhia e dos líderes dos 1º a 4º Pelotões.



Essas bandeiras identificam, respectivamente, os 1º a 4º tanques.

Veículos:

O Exército japonês utilizou essencialmente três tipos de tanques durante a 2ª Guerra Mundial: tanquetes (veículos blindados leves, com lagartas e armados com metralhadoras – usados para patrulhamento e reconhecimento), tanques leves (armados com um canhão – usados para penetração e exploração) e tanques médios (maiores, mais blindados e armados com canhão de maior calibre – usados para apoio de infantaria e/ou combate tanque x tanque). Quase todos os seus veículos eram pouco menores que seus similares ocidentais. Nos dois primeiros anos da Guerra do Pacífico, os tanques japoneses eram razoavelmente adequados para as missões que iriam realizar, principalmente pelo fato de que eles não enfrentariam forças preparadas para enfrentá-los. Porém, devido ao avanço tecnológico dos blindados alemães, os veículos aliados produzidos para enfrentá-los acabaram superando esmagadoramente a qualidade técnica dos blindados nipônicos, a ponto de, em 1945, em Luzon, os japoneses desistirem de utilizar seus tanques como tal e os enterraram como casamatas fixas.

Além disso, como a Marinha tinha prioridade para obter produtos da indústria bélica, os tanques acabaram sendo pouco produzidos. Em todo o período 1931-45, os japoneses construíram pouco menos de 6.500 tanques de todos os tipos (dos quais, 3.300 fabricados pela Mitsubishi). Com isso, os tanques japoneses apareceram, na maioria das vezes, em pequenas quantidades, principalmente depois que o Japão passou para a defensiva. Porém, no primeiro ano da guerra, adequadamente concentrados e comandados, foram fator primordial para a rápida expansão do Impé-

rio Japonês. Uma característica interessante dos tanques japoneses residia no sistema de antena dos veículos de comando: um arco sustentado sobre a torre, como se fosse um corrimão. Basicamente, todos os tanques Tipo 97 Chi-Ha eram equipados com essa antena. Porém, em fotos tiradas pelos americanos, tanques Tipo 97 destruídos frequentemente não a tinham, mas isso certamente se deve a ela ter se perdido em combate previamente. Os tanques mais novos descartaram esse aparato.



O “corrimão” sobre a torre do Tipo 97 é bem ilustrado nessa figura. Trata-se da antena de rádio.

Alguns carros blindados estrangeiros, como Austin ou Wolseley, bem como alguns produzidos pela Chiyoda e Sumida, foram usados na China durante os anos 20 e 30. Porém, os carros blindados japoneses não tiveram uma participação expressiva na guerra, pois as redes de estradas no Sudeste Asiático – e do Pacífico nem precisa falar – eram muito escassas e precárias para veículos de combate com rodas.

Da mesma forma, vários modelos de tanques tiveram pouca ou nenhuma participação na Guerra do Pacífico, pois não chegaram sequer a sair do Japão. Isto, aliado ao fato de que não existem (que eu saiba) kits para eles, faz com que eu prefira omiti-los, pois, esta matéria pretende ser primordialmente sobre plastimodelismo. Portanto, os veículos japoneses que nos interessam são:

☀ **Tanquete Tipo 94** → Os “tanquetes” japoneses eram baseados em modelos britânicos e foram lançados em 1935 para serviço de patrulha, reconhecimento e transporte de munição. Eram organizados em companhias independentes de tanquetes em unidades de infantaria. Muito usados na China e na Manchúria, alguns deles foram encontrados em Kwajalein.



Tanquete Tipo 94

☀ **Tanquete Tipo 97 Te-Ke** → Embora também fosse designado “tanquete” pelos japoneses e se destinasse a substituir o Tipo 94, o Tipo 97 “Te-Ke” era de fato um tanque leve. Lançado em 1937, ele equipou os regimentos de reconhecimento das divisões de infantaria japonesas. Participou ainda da Batalha de Imphal (1944), equipando o 14º Regimento de Tanques.



Tanquete Tipo 97 Te-Ke.

☀ **Tanque Leve Tipo 95 Ha-Go** → Lançado em 1935, o Tipo 95 Ha-Go (ou Ke-Go) foi o mais importante tanque leve japonês da 2ª Guerra Mundial, contando 1.250 unidades produzidas (sua produção se encerrou em 1942). Estreou em combate na China, atuando depois na Mongólia. Foi utilizado em todos os fronts japoneses e mais da metade dos tanques japoneses empenhados nas suas conquistas iniciais eram desse tipo. Em Guadalcanal, Makin e na Baía de Milne (Nova Guiné) foram empenhados dois destes tanques; em Tarawa, havia sete, todos entrincheirados. Um deles conseguiu a façanha de incapacitar um Sherman (antes de ser destruído por outro Sherman). Também havia nove deles em Eniwetok e outros nove em Biak. Em Peleliu havia dezessete deles, que foram feitos em pedaços no primeiro dia da batalha com granadas de alto explosivo, pois os projéteis perfurantes dos Shermans simplesmente atravessavam os tanques sem parecer detê-los. Em Saipan (Ilhas Marianas), havia uma companhia de nove tanques leves Tipo 95 dos fuzileiros navais japoneses, a 24ª Companhia Independente de Tanques, em Guam, tinha nove deles, e havia ainda doze Tipo 95 em Tinian. Duas companhias

dele foram empenhadas em Leyte. Equipou também a 2ª Divisão de Tanques em Luzon. O 26º Regimento tinha doze deles em Iwo Jima e o 27º também tinha doze deles em Okinawa. Em Shumushu, vinte e cinco desses tanques equipavam o 11º Regimento de Tanques. O Tipo 95 também é conhecido no Ocidente como Kyo-Go. Porém, Kyo-go significa apenas “95” em japonês, o que sugere que talvez fosse um apelido usado pelas tropas.



Tanque Leve Tipo 95 Ha-Go

☀ **Tanque Médio Tipo 89 Yi-Go** → Baseado em modelos britânicos, o Tipo 89 foi lançado em 1932, sendo o primeiro tanque produzido no Japão. Embora tivesse o Sudeste Asiático como principal palco de luta, participou da Guerra do Pacífico. Ele equipou o 7º Regimento de Tanques durante a conquista das Filipinas. Quando o Japão passou para a defensiva, ele equipou o 8º Regimento de Tanques em Rabaul, a 7ª Companhia Independente de Tanques em Leyte e as 8ª e 9ª Companhias em Luzon (onde equipou ainda a 2ª Divisão de Tanques). Embora seja muito conhecido também pelo nome “Chi-Ro”, este de fato era um nome dado pela inteligência aliada.



Tanque Médio Tipo 89 Yi-Go

☀ **Tanque Médio Tipo 97 Chi-Ha** → Principal tanque japonês da 2ª Guerra Mundial, o Tipo 97 Chi-Ha foi lançado em 1937 e participou de praticamente todas as campanhas japonesas. Estreou em Khalkin-Gol (1939) e depois atuou na China. Equipou os 1º e 6º Regimentos de Tanques na Malásia (1941-42) e o 2º nas Índias Orientais Holandesas. Lutou em Guadalcanal,

nas Ilhas Marianas, em Luzon, Iwo Jima, etc (não participou de Leyte nem de Okinawa). Contudo, após ser derrotado pelos tanques soviéticos na Manchúria, decidiu-se modificar seu armamento principal, surgindo o Tipo 97 “Especial”.



Tanque Médio Tipo 97 Chi-Ha

☀ **Tanque Médio Tipo 97 Especial Chi-Ha** → Desenvolvido devido à experiência de combate adquirida na Manchúria e em Luzon, o Tipo 97 “Shinhoto” teve seu canhão de 57 mm substituído por um canhão antitanque de 47 mm, instalado numa nova torre (“Shinhoto” significa “Torre Nova”). Foi lançado em 1942, estreando em Corregidor (Filipinas) e permaneceu em serviço até o fim da guerra. Esteve na defesa das Ilhas Marianas, em Luzon, Iwo Jima, Okinawa, etc.



Tanque Médio Tipo 97 Shinhoto Chi-Ha.

☀ **Tanque Anfíbio Tipo 2 Ka-Mi** → O Tipo 2 foi uma versão anfíbia do Tanque Leve Tipo 95 para a marinha japonesa. Tinha tambores flutuantes à frente e à ré, os quais eram retirados quando o veículo trafegava em terra firme. Foi lançado em 1942 e atuou ao longo de toda a Guerra do Pacífico. Participou da luta em Kwajalein e em Leyte. Em Saipan, vários desses tanques foram usados para contra-atacar a cabeça-de-praia americana, sendo destruídos por bazucas e Shermans.



Tanque Anfíbio Tipo 2 Ka-Mi

☀ **Tanque Anfíbio Tipo 3 Ka-Chi** → Versão melhorada do Tipo 2, o Tipo 3 Ka-Chi também esteve em ação na 2ª Guerra Mundial, mas teve apenas 19 unidades produzidas. Foi encontrado pelos aliados pela primeira vez em Kwajalein (1944). Um detalhe importante: tanques anfíbios eram usados apenas pela Marinha, não pelo Exército japonês.



Tanque Anfíbio Tipo 3 Ka-Chi

☀ **Canhão Autopropulsado Tipo 1 Ho-Ni** → O Ho-Ni era um canhão autopropulsado baseado no chassi do Tipo 97 Chi-Ha. Teve três modelos: HoNi I, armado com um canhão de 75 mm; Ho-Ni II, com um obuseiro de 105 mm; e o Ho-Ni 3, armado com um canhão antitanque de 75 mm. Este último tinha o compartimento do canhão totalmente fechado (ao contrário dos outros dois) e foi usado como *tank destroyer* nos regimentos de tanques. Os três modelos foram pouco produzidos, mas entraram em combate na Birmânia e em Luzon.



Canhão Autopropulsado Tipo 1 Ho-Ni I

☀ **Canhão Autopropulsado Tipo 4 Ho-Ro** → O Tipo 4 Ho-Ro era um chassi de Tanque Médio Tipo 97 com a torre removida e um obuseiro de 150 mm (Tipo 38) instalado, com uma placa protetora. Lançado em 1944, ele viu ação em Luzon.



Canhão Autopropulsado Tipo 4 Ho-Ro.

Divisões e Regimentos:

O Japão criou a sua primeira tropa blindada em 1925, utilizando-se de tanques importados da Inglaterra. Em 1932, os japoneses criaram os primeiros regimentos de tanques (1º e 2º no Japão e o 3º na Manchúria, logo seguido pelo 4º). Um regimento de tanques japonês era normalmente composto por quatro companhias com 10 tanques médios Tipo 97 e 2 tanques leves Tipo 95, mais um QG com 4 tanques leves Tipo 95. Além disso, havia as companhias independentes de tanques e alguns veículos anexados aos regimentos de cavalaria de algumas divisões de infantaria. Em 1941, dez divisões de infantaria contavam com uma companhia de tanques leves. Havia ainda nove companhias independentes e quatro brigadas móveis dos Fuzileiros Navais.



Tanque Leve Tipo 95 Ha-Go da 14ª Divisão de Infantaria, Peleliu, 1944. Os tanques dessa unidade tinham como símbolo uma estrela estilizada de três pontas pintada na torre.



Símbolo da Companhia de Tanques Leves da 14ª Divisão de Infantaria. Essa estrela podia ser branca, vermelha ou amarela, possivelmente identificando os pelotões.

Em junho de 1942, foram criadas as três primeiras divisões de tanques (*sensha shidan*) na Manchúria (1ª, 2ª e 3ª), cada uma contando com quatro regimentos de tanques (organizados em duas brigadas), mais um regimento de infantaria e um de artilharia, ambos motorizados. Em 1944, a 4ª Divisão de Tanques foi formada no Japão. No papel, uma divisão de tanques teria 87 tanques leves e 249 médios. Apenas a 2ª e a 3ª entraram efetivamente em combate, sendo a 2ª nas Filipinas e a 3ª na China.

Em março de 1945, todas as divisões consideradas de elite foram retiradas da Manchúria e levadas para as ilhas Metropolitanas. Com isso, ao fim da guerra estavam, no Japão, duas divisões (1ª e 4ª) e seis brigadas de tanques, aguardando a invasão americana.

☀ **1ª Divisão de Tanques** → Originalmente criada em dezembro de 1941, na Manchúria, como 1º Grupamento de Tanques, foi elevada à condição de Divisão a 24/06/42. Ela era composta por duas brigadas de tanques (1ª e 2ª). Por sua vez, a 1ª Brigada de Tanques era formada pelos 1º e 5º Regimentos de Tanques, enquanto a 2ª Brigada era formada pelos 3º e 9º Regimentos. Completava a divisão o 1º Regimento de Infantaria Móvel (Motorizada) e o 1º Regimento de Artilharia Móvel. Recebeu o título de “Taku” (“Evolução” em japonês). Ela permaneceu na Manchúria até março de 1945, quando foi levada para o Japão.

☀ **2ª Divisão de Tanques** → Originalmente criada em dezembro de 1941, na Manchúria, como 2º Grupamento de Tanques, foi elevada à condição de Divisão a 24/06/42. Originalmente, era composta pela 3ª Brigada de Tanques (6º e 7º Regimentos de Tanques), 4ª Brigada de Tanques (10º e 11º Regimentos de Tanques), 2º Regimento de Infantaria Móvel e 2º Regimento de Artilharia Móvel. Em março de 1944, ela perdeu o 11º Regimento e, em julho, o restante (menos o QG da 4ª Brigada) foi transferido para as Filipinas. Porém, reconhecendo a inferioridade de seu equipamento, os japoneses dispersaram os seus veículos, que foram usados como casamatas, com o casco enterrado. Quando ocorreu a invasão americana de Leyte, a 1ª Companhia do 6º e do 10º Regimentos foram enviadas para lá. A divisão foi destruída pelos americanos em Luzon, em 1945. Ela recebeu o título de “Geki” (“Impacto” em japonês).



Símbolo utilizado nos “Ho-Ni” I da 2ª Companhia, 2º Regimento de Artilharia Móvel, 2ª Divisão de Tanques.



“Ho-Ni I” da 2ª Divisão de Tanques, Luzon, Filipinas, 1945. O símbolo pintado nas laterais (uma circunferência em vermelho com um círculo branco) identifica-o como um dos quatro que equipavam a 2ª Companhia do 2º Regimento de Artilharia Móvel.

☀ **3ª Divisão de Tanques** → Criada a 24/06/42, na Mongólia, ela recebeu o título “Taki” (“Cachoeira” em japonês). Originalmente, ela era formada pela 5ª Brigada de Tanques (8º e 12º Regimentos de Tanques), 6ª Brigada de Tanques (13º e 17º Regimentos de Tanques), 3º Regimento de Infantaria Móvel e 3º Regimento de Artilharia Móvel. Em setembro de 1942, a divisão perdeu o 8º Regimento de Tanques, que foi transferido para Rabaul. Em abril de 1944, a divisão (menos o QG da 5ª Brigada e o 12º Regimento) foi transferida para a China, onde participou da Ofensiva “Ichi-Go”. A 3ª Divisão de Tanques realizou um avanço de cerca de 1.400 quilômetros, sendo a primeira e única operação típica de uma divisão blindada realizada pelo Exército japonês. A divisão permaneceu na China até o fim da guerra.

☀ **4ª Divisão de Tanques** → Criada a 06/07/1944, em Chiba, no Japão, com unidades de treinamento de tanques, cavalaria, artilharia, engenheiros e logística. Recebeu o título “Hagane” (“Aço” em japonês). Ao contrário das outras divisões de tanques, a 4ª não tinha regimento de infantaria nem de artilharia e era composta por três regimentos de tanques (28º, 29º e 30º), tendo cada regimento uma companhia de artilharia autopropulsada. Nunca entrou em combate.

☀ **1º Regimento de Tanques** → O regimento participou da conquista da Malásia e da Birmânia equipado com 37 Tipo 97 e 20 Tipo 95. Em setembro de 1942, foi para a Manchúria, onde passou a fazer parte da 1ª Divisão de Tanques e foi equipado com o Tipo 97 Especial. Em março de 1945, foi transferido para o Japão junto com a divisão, onde ficou até o fim da guerra. No começo da Guerra do Pacífico, cada uma das quatro companhias do regimento era identificada

com uma letra *kanji* pintada nas laterais da torre (respectivamente, *Chi*, *Ku*, *Shi* e *No*, em alusão a Chikushinohara, local da criação do regimento). Quando uma 5ª Companhia foi acrescentada ao regimento, em 1943, as letras passaram a ser *Ka*, *U*, *Ryo*, *No*, *Mi* e *Ya* (a 6ª letra designava a companhia de manutenção), em referência a *Koryonomiya Jinja*, um templo Shinto na cidade de Kurume. Alguns tanques desse regimento também recebiam números arábicos de um ou dois algarismos nas laterais do casco.



Tipo 97 Chi-Ha, 3ª Companhia, 1º Regimento de Tanques, Malásia, 1941.



Tanque Médio Tipo 97, 4ª Companhia, 1º Regimento de Tanques, Birmânia, 1942.

ほちく志乃や

Da esquerda para a direita, respectivamente, os símbolos da Companhia de QG, 1ª a 4ª Companhias e Companhia de Manutenção. Esses símbolos foram utilizados até 1943.

ほかう良乃みや

Da esquerda para a direita, respectivamente, os símbolos da Companhia de QG, 1ª a 5ª Companhias e Companhia de Manutenção. Esses símbolos foram utilizados a partir de 1943.

☀ **2º Regimento de Tanques** → Participou da campanha da Birmânia (nesta, apenas a 1ª Companhia), enquanto o restante do regimento foi para as Índias Orientais Holandesas, equipado com 31 Tipo 97 e cinco Stuarts capturados. Em agosto de 1942, ele formou um destacamento que foi enviado para Guadalcanal. Em abril de 1945,

ele foi repatriado e passou a fazer parte da 2ª Brigada Independente de Tanques. Esse regimento tinha uma prática muito interessante: seus tanques recebiam nomes na seguinte ordem: 1ª Companhia, nomes de pássaros; 2ª, montanhas; e 3ª, animais, todas no alfabeto fonético *Kana* (diferente do alfabeto *Kanji*).

☀ **3º Regimento de Tanques** → Lutou em Khalkin-Gol em 1939 e depois passou a fazer parte da 1ª Divisão de Tanques. Em 1944, o regimento foi transferido para a China para participar da Operação Ichi-Go (abril a dezembro de 1944). Foi transferido para o Japão em 1945, juntamente com a divisão.



Tipo 89C Yi-Go, 3º Regimento de Tanques, Khalkin-Gol, 1939. O regimento contava com 26 desses tanques nessa batalha. O padrão de camuflagem do Exército de Kwantung era praticamente aleatório. O significado do número "91" na torre é desconhecido, mas especula-se que este seja o 9º tanque da 1ª Companhia.

☀ **4º Regimento de Tanques** → Lutou em Khalkin-Gol, em 1939. Participou da conquista das Filipinas, equipado apenas com tanques leves Tipo 95 (38 unidades). Ainda durante a campanha, esse regimento repôs suas perdas utilizando os tanques M3 Stuart capturados. Foi depois para Java, onde desembarcou em março de 1942. Depois esteve em Surabaya e Timor, onde permaneceu até o fim da guerra.



Tipo 89A Yi-Go, Manchúria, 3º ou 4º Regimento de Tanques, meados dos anos 30. A inscrição na lateral significa *Aikoku* (Patriotismo) – número 7 – Fukuoka (nome de uma cidade japonesa).



Da esquerda para a direita, respectivamente, os símbolos das três companhias do 4º Regimento de Tanques. Esses símbolos eram pintados nas laterais da torre.

☀ **5º Regimento de Tanques** → Criado na Manchúria. Fez parte da 1ª Divisão de Tanques, a qual foi transferida para o Japão em 1945.



Símbolos utilizados pelos tanques desse regimento. Da esquerda para a direita, identificam as companhias (1ª a 5ª), respectivamente. A identificação do comando do QG era semelhante à bandeira japonesa muito comum nos tanques nipônicos, mas com o círculo em verde. Todas essas marcas eram pintadas nas laterais da torre.

☀ **6º Regimento de Tanques** → Participou da conquista da Malásia, equipado com 25 Tipo 97 e 12 Tipo 95. Depois foi para a Manchúria, onde passou a fazer parte da 2ª Divisão de Tanques. Em outubro de 1944, foi para Luzon (Ilhas Filipinas), onde foi destruído durante a campanha de libertação da ilha, em 1945. A sua 1ª Companhia foi enviada para Leyte e foi igualmente aniquilada.



Símbolo do 6º Regimento de Tanques. Ele era pintado em ambos os lados da torre. Contudo, esse símbolo só foi identificado enquanto o regimento permaneceu na Manchúria, em 1943-44. Nos períodos da invasão da Malásia (1941-42) e, posteriormente, em Luzon, os tanques desse regimento não portavam símbolos.

☀ **7º Regimento de Tanques** → Criado na Manchúria, ele teve atuação de destaque na Batalha de Nanchang (março de 1939). Participou da conquista das Filipinas, equipado com 34 Tipo 89, 14 Tipo 95 e apenas 2 Tipo 97. Ainda durante a campanha, esse regimento repôs suas perdas

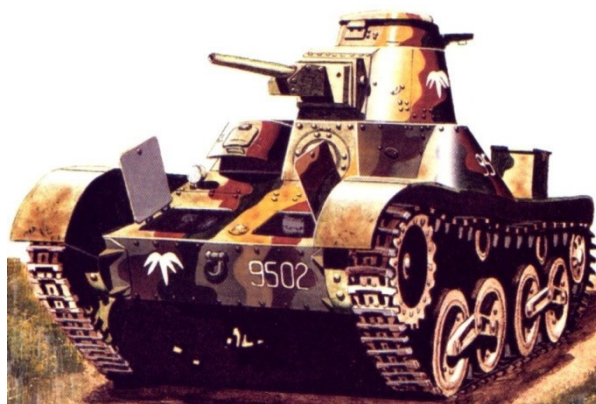
utilizando os tanques M3 Stuart capturados, os quais participaram do assalto a Bataã e a Corregidor. Em junho de 1942, mudou-se para a Manchúria, passando a fazer parte da 2ª Divisão de Tanques, retornando às Filipinas juntamente com a divisão em setembro de 1944. Foi destruído durante a campanha de libertação de Luzon, em 1945. Este regimento identificava as suas companhias com desenhos estilizados de motivos tradicionais japoneses: 1ª, estrela; 2ª, folha de bambu; 3ª, flor de cerejeira; e 4ª, bandeira japonesa. Eles eram pintados à frente e atrás do tanque e em ambos os lados da torre. Usavam ainda um número de quatro dígitos, sendo que os dois primeiros indicavam o veículo (os Stuarts capturados receberam o número 98) e os outros dois identificavam o veículo. Esse número era pintado nas laterais, na frente e atrás do chassi.



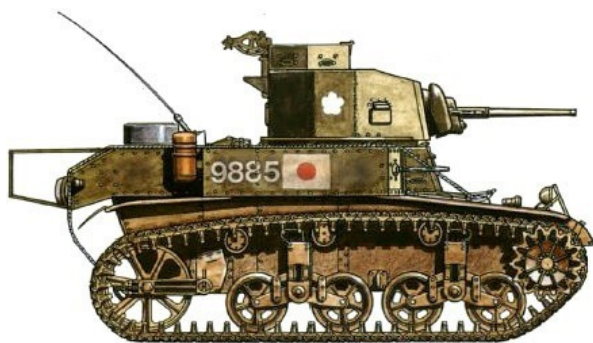
Da esquerda para a direita, os símbolos, respectivamente, das quatro companhias do 7º Regimento de Tanques.



Tanque Médio Tipo 89B Yi-Go, Luzon, 1942. Ao desembarcar nas Filipinas, 34 dos 50 tanques do regimento eram deste tipo.



Tanque Leve Tipo 95 Ha-Go, 2ª Companhia, 7º Regimento de Tanques, Luzon, 1942.



Stuart capturado em Luzon e integrado ao 7º Regimento de Tanques, 1942. Os Stuarts foram usados pelos japoneses na conquista de Corregidor sem marcas. As que aparecem aqui foram pintadas após o fim da campanha. O bagageiro na sua traseira, muito provavelmente, foi um acréscimo feito pelos próprios japoneses.



Tipo 97 Chi-Ha, 7º Regimento de Tanques, Luzon, janeiro de 1945.



Tipo 97 Shinhoto Chi-Ha, 7º Regimento de Tanques, 2ª Divisão de Tanques, 1945. Este tanque pertence à 3ª Companhia (identificada pelo desenho da flor de cerejeira).

☀ **8º Regimento de Tanques** → Criado na Manchúria, integrou originalmente a 3ª Divisão de Tanques. Em setembro de 1942, foi levado para Rabaul e, em julho de 1944, para Nova Irlanda, onde permaneceu até o fim da guerra. Este regimento utilizava duas letras *Kana* para cada uma de suas quatro companhias: *i se*, *ha se*, *a se* e *yo se*. O “se” era a abreviatura de *Sensha Chutai* (Companhia de Tanques) e as outras letras indicavam o comandante (respectivamente, Imada, Hara, Agano e Yonehara). Este símbolo era pintado nas laterais de seus Tipo 89, seguido de um número de dois ou três algarismos.

いせ はせ あせ よせ

Da esquerda para a direita, as letras de identificação das quatro companhias do 8º Regimento de Tanques. Quando a guerra terminou, os tanques dessa unidade foram capturados intactos pelos americanos e não tinham identificações regimentais, mas apenas números.

☀ **9º Regimento de Tanques** → Originalmente parte da 1ª Divisão de Tanques, ele foi enviado às Ilhas Marianas em abril de 1944 equipado com 32 Tipo 95, 41 Tipo 97 e apenas 5 Tipo 97 Especial. Parte do regimento ficou em Saipan e duas de suas companhias lutaram em Guam. Foram virtualmente aniquilados em junho-julho de 1944.



Tipo 97 Chi-Ha, 5ª Companhia do 9º Regimento de Tanques, Saipan, 1944. Do lado do chassi está o nome “Mitate”, que em alfabeto Hirakana significa “Escudo do Imperador”. O desenho na torre representa um crisântemo flutuando na água, símbolo de um herói japonês do Século XIV. Já a figura geométrica é o símbolo da companhia, normalmente pintado em verde e branco, como mostrado a seguir:



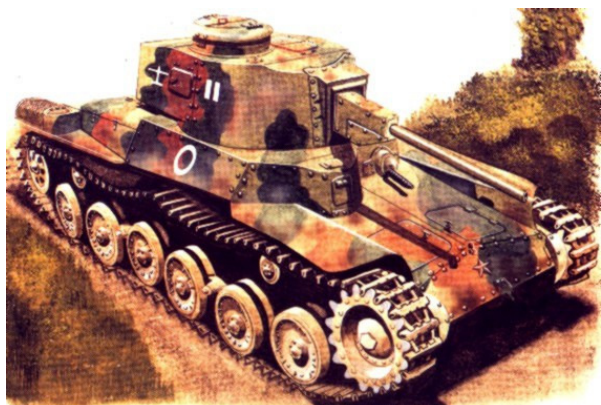
Da esquerda para a direita, os símbolos, respectivamente, da Companhia de QG e das cinco companhias do 9º Regimento de Tanques nas Marianas. O regimento também pintava duas pequenas bandeiras do Japão na placa frontal.



Tanque do comando do 9º Regimento de Tanques, identificado pela faixa branca pontilhada no alto da torre. Este tanque era do comandante do destacamento blindado em Guam, identificado pela estrela pintada na torre.

☀ **10º Regimento de Tanques** → Criado na Manchúria como parte da 4ª Brigada, 2ª Divisão de Tanques. Em julho de 1944, ele foi levado para Luzon junto com a divisão, tendo parte de seus efetivos afundado por submarinos americanos. Em outubro, a 1ª Companhia foi enviada para Leyte, onde foi destruída. O restante do regimento enfrentou a invasão americana de janeiro de 1945, sendo destruído.

☀ **11º Regimento de Tanques** → Originalmente, fez parte da 4ª Brigada, 2ª Divisão de Tanques. Em março de 1944, foi levado para as Ilhas Kurilas, onde permaneceu até o fim da guerra, chegando a combater os soviéticos em agosto de 1945, após a rendição japonesa! Ele então estava equipado com 39 tanques médios Tipo 97 (20 deles “Especiais”) e 25 leves Tipo 95.



Tipo 97 Shinhoto Chi-Ha, 11º Regimento de Tanques, 1945. Quando os soviéticos desembarcaram na ilha de Shumushu, do grupo das Ilhas Kurilas, os tanques desse regimento travaram ferozes combates com os soviéticos.



Símbolo do 11º Regimento. Trata-se de um símbolo *Kanji*, o *shi*. Muito provavelmente, trata-se de um trocadilho, pois o mesmo desenho podia ser interpretado como o número 11. Nunca foram esclarecidos com precisão os símbolos que identificavam as companhias. Ele era pintado em ambas as laterais da torre.

☀ **12º Regimento de Tanques** → Criado no Norte da China, fez parte da 3ª Divisão de Tanques (5ª Brigada). Não entrou em combate.

☀ **13º Regimento de Tanques** → Criado no Norte da China, fez parte da 3ª Divisão de Tanques. Permaneceu na China até o fim da guerra, tendo intensa participação nos combates. O regimento só foi desmobilizado a 20/05/46.



Tipo 97 “Especial”, possivelmente da 5ª Companhia do 13º Regimento.

いにさよこ

Da esquerda para a direita, os símbolos, respectivamente, das cinco companhias do 13º Regimento de Tanques. Trata-se de caracteres *hiragana*.

☀ **14º Regimento de Tanques** → Participou da conquista da Malásia equipado apenas com o Tipo 95 (45 unidades). Depois foi para a Birmânia, onde permaneceu até o fim da guerra. Os Stuarts capturados aos ingleses na Birmânia foram incorporados a esse regimento. Participou da Batalha de Imphal (1944), onde sofreu pesadas baixas. O regimento foi parcialmente reconstituído em Mandalay e continuou a lutar na Birmânia até ser aniquilado em abril de 1945.

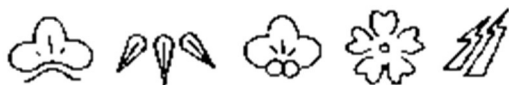


Identificação das três companhias do 14º Regimento (da esquerda para a direita, 1ª a 3ª Cia., respectivamente). Essas marcas eram pintadas na placa frontal, do lado esquerdo, com uma pequena bandeira do Japão no lado direito. Contudo, apenas os tanques enviados inicialmente para a Birmânia possuíam essas marcas. Os que chegaram posteriormente como reforços não as tinham.

☀ **15º Regimento de Tanques** → No momento do ataque a Pearl Harbor, estava no Norte da China. Nenhuma outra informação foi obtida a respeito desse regimento.

☀ **16º Regimento de Tanques** → Criado em junho de 1942, ele esteve na Ilha Marcus, equipado com Tipo 95. Em janeiro de 1944, foi levado para Wake, tendo sido absorvido pelo 13º Regimento Misto Independente. A análise de fotos não constatou a presença de qualquer tipo de identificação nos veículos desse regimento.

☀ **17º Regimento de Tanques** → Integrou originalmente a 3ª Divisão de Tanques. Participou da Ofensiva “Ichi-Go”, em março de 1944.



Símbolos utilizados pelos tanques desse regimento. Da esquerda para a direita, identificam as companhias (1ª a 5ª), respectivamente. Todas essas marcas eram pintadas nas laterais da torre.

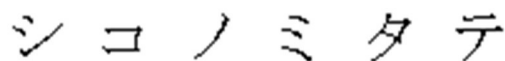
☀ **18º Regimento de Tanques** → Organizado no Japão em junho de 1942, ele fazia parte da 5ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Kyushu.

☀ **19º Regimento de Tanques** → Organizado no Japão em junho de 1942, ele fazia parte da 4ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Kyushu.

☀ **20º e 21º Regimentos de Tanques** → Nunca existiram.

☀ **22º Regimento de Tanques** → Criado no Japão em agosto de 1942, ele fez parte das defesas de Hokkaido a partir de agosto de 1944.

☀ **23º Regimento de Tanques** → No momento do ataque a Pearl Harbor, estava na Manchúria. Passou a maior parte da guerra como unidade de treinamento. Em maio de 1945, foi transferido para o Japão e fez parte da 8ª Brigada Independente de Tanques. Suas seis companhias (cinco de tanques e uma de manutenção) eram identificadas com a letra em alfabeto *Kana* da inicial do comandante da subunidade pintada nas laterais da torre (esse sistema foi modificado posteriormente, mas ainda utilizando o alfabeto *Kana*).



Da esquerda para a direita, os símbolos, respectivamente, das cinco companhias de tanques e da Companhia de Manutenção do 23º Regimento de Tanques.

☀ **24º Regimento de Tanques** → Criado na Manchúria, passou a maior parte da guerra como unidade de treinamento. Em maio de 1945, foi transferido para o Japão e fez parte da 8ª Brigada Independente de Tanques.

☀ **25º Regimento de Tanques** → Criado em Baotou, Manchúria, em abril de 1944. Em agosto

do mesmo ano, foi transferido para Formosa. Em julho de 1945, ele foi reorganizado como 42º Regimento Misto Independente.

☀ **26º Regimento de Tanques** → Criado em março de 1944, foi enviado para Iwo Jima em julho do mesmo ano, mas a maioria de seus tanques foi afundada durante o transporte marítimo. Enfrentou os desembarques americanos de fevereiro de 1945 estando equipado com 11 tanques Tipo 97 (alguns “Especiais”) e 12 Tipo 95. Foi aniquilado.



Símbolo pintado em ambos os lados da torre dos tanques do 26º Regimento. No entanto, a maioria dos tanques desse regimento foi afundada por submarinos americanos na viagem para Iwo Jima e os tanques que chegaram como reposição não tinham essa pintura. Os tripulantes usavam o mesmo símbolo como ombreira nos uniformes.

☀ **27º Regimento de Tanques** → Criado em março de 1944, este regimento foi enviado para Okinawa, mas parte dele foi afundada na viagem. Enfrentou os desembarques americanos de abril de 1945 estando equipado com 12 tanques Tipo 95 e 14 Tipo 97 Especial. Foi aniquilado.



Este símbolo foi pintado na lateral da torre de um Tipo 95 encontrado em Okinawa. Provavelmente trata-se do símbolo regimental.

☀ **28º Regimento de Tanques** → Criado em julho de 1944 como parte da 4ª Divisão de Tanques.

☀ **29º Regimento de Tanques** → Criado em julho de 1944 como parte da 4ª Divisão de Tanques.

☀ **30º Regimento de Tanques** → Criado em julho de 1944 como parte da 4ª Divisão de Tanques.

☀ **31º e 32º Regimentos de Tanques** → Nunca existiram.

☀ **33º Regimento de Tanques** → Criado em abril de 1945 na China, foi levado para o Japão

e fez parte da 3ª Brigada Independente de Tanques.

☀ **34º Regimento de Tanques** → Criada em 1944, compôs a 1ª Brigada de Tanques por ocasião da invasão soviética à Manchúria, em agosto de 1945.



Aqui aparecem, respectivamente, os símbolos das quatro companhias do 34º Regimento de Tanques. Este símbolo era pintado nas laterais da torre.

☀ **35º Regimento de Tanques** → Criado em outubro de 1944, compôs a 1ª Brigada de Tanques por ocasião da invasão soviética à Manchúria, em agosto de 1945.

☀ **36º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, compôs a 3ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Honshu.

☀ **37º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, compôs a 6ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Kyushu.

☀ **38º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, ele compôs a 7ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Honshu.

☀ **39º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 29/07/44, ele compôs a 7ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Honshu.

☀ **40º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, compôs a 6ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Kyushu.

☀ **41º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, compôs a 2ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Kyushu.

☀ **42º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, compôs a 4ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Kyushu.

☀ **43º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, compôs a 5ª Brigada Independente de Tanques e fez parte das defesas de Kyushu.

☀ **44º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, ele fazia parte das defesas de Kyushu (foi o único regimento de tanques no Norte de Honshu).

☀ **45º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, ele fazia parte das defesas de Shikoku.

☀ **46º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, ele fazia parte das defesas de Kyushu.

☀ **47º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, ele fazia parte das defesas de Shikoku.

☀ **48º Regimento de Tanques** → Criado no Japão a 06/04/45, ele fazia parte das defesas de Kyushu.

☀ **49º e 50º Regimentos de Tanques** → Nunca existiram.

☀ **51º Regimento de Tanques** → Criada a 05/08/45, compôs a 9ª Brigada Independente de Tanques por ocasião da invasão soviética à Manchúria, em agosto de 1945.

☀ **52º Regimento de Tanques** → Criada a 05/08/45, compôs a 9ª Brigada Independente de Tanques por ocasião da invasão soviética à Manchúria, em agosto de 1945.

☀ **Outras Unidades** → Algumas unidades menores foram empenhadas com destaque durante a Guerra do Pacífico. Por exemplo, a 1ª Companhia Independente de Tanques (formada com veteranos do 2º Regimento) atuou e foi destruída em Guadalcanal, durante a Batalha do rio Matanikau (23/10/42).

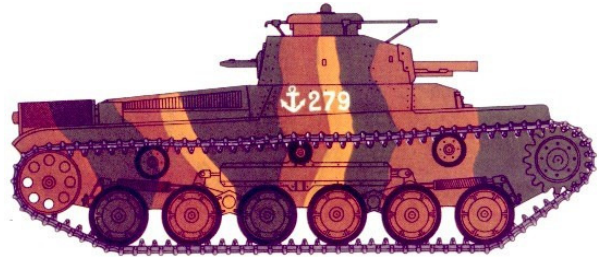


Tipo 97 Chi-Ha da 1ª Companhia Independente de Tanques. Foi destruída em Guadalcanal. Observe o símbolo da companhia, um retângulo branco com uma linha na diagonal.

A 24ª Companhia Independente de Tanques tinha nove Tipo 95 em Guam. Ela usava uma faixa branca horizontal contínua em volta da torre, com letras *kanji* no centro.



Canhão Autopropulsado Tipo 4 Ho-Ro, Companhia Independente de Canhões Autopropulsados, Luzon, 1945.

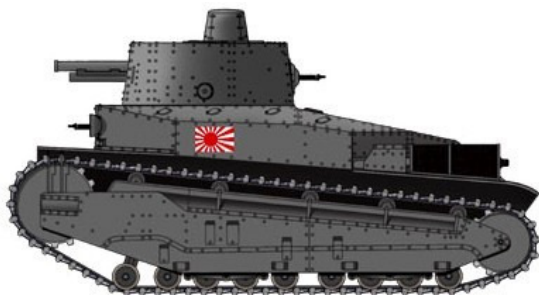


Tipo 97 Chi-Ha de uma unidade naval, 1942.

☀ **Unidades Navais** → Os tanques utilizados pela Marinha japonesa equipavam as Forças Especiais Navais de Desembarque (*Rikusentai*), nunca com efetivo maior que companhia. Contudo, merecem destaque os seguintes destacamentos: 5ª FEDN de Kure (Baía de Milne, Nova Guiné); 7ª FEDN de Sasebo (Tarawa); 7ª FEDN de Sasebo (Kwajalein); Destacamento Blindado Ito (Leyte), quase sempre equipados com Tipo 95 Ha-Go. Os tanques da Marinha utilizavam as cores padronizadas pelo Exército, com exceção dos tanques anfíbios, que eram pintados de *Dark Blue Gray*. Normalmente, ostentavam a bandeira do sol nascente (padrão naval, com os raios de sol estilizados) e/ou uma âncora antes do número de identificação do veículo. Todavia, em 1943, os tanques anfíbios passaram a ser camuflados de verde. Mais tarde, foram acrescentadas faixas irregulares, embora de cor não identificada, mas que pode ser cinza ou verde escuro.



Tanque Anfíbio Tipo 2 Ka-Mi, Leyte, 1944. Aqui, ostentando a pintura de *Dark Blue Gray* e a bandeira do sol nascente na torre. Este veículo leva o número 651 em cada uma de suas partes: os dois flutuadores, o chassi, o schnorkel e a torre. Tem ainda o desenho de uma lua crescente, possivelmente o símbolo da unidade.



Tipo 89A da Marinha japonesa, Xangai, 1937. Esse tanque, provavelmente, está pintado de cinza médio ou escuro. As únicas marcas são as bandeiras do Sol Nascente no estilo naval e uma âncora na placa frontal, logo abaixo da torre.



Membros da Comunidade Britânica:

Dos países da Commonwealth (Comunidade Britânica) apenas a Austrália e a Nova Zelândia apresentaram unidades blindadas na Guerra do Pacífico.

A Austrália chegou a organizar quatro brigadas de tanques, equipadas com Matilda, M3 Stuart e M3 Lee, embora só engajassem efetivamente unidades equipadas com os dois primeiros. Os Stuarts fornecidos aos australianos em 1943 tiveram suas metralhadoras laterais removidas. O 2/6º Regimento utilizou Stuarts durante o combate em Buna, Nova Guiné, em 1943.



M3A1 Stuart, 2/6º Regimento Blindado australiano, Nova Guiné, dezembro de 1942. Os Stuarts australianos tiveram várias modificações, como um anel extra na torre para evitar que ela emperasse e caixas extras de suprimentos. A pintura seguia o padrão britânico, de *Bronze Green*. Seguiam também os esquemas táticos britânicos (triângulo para o 1º Esquadrão, quadrado para o 2º e círculo para o 3º), sendo, no 2/6º, pintados de amarelo. O regimento tinha o hábito de aplicar nomes começando pela letra do esquadrão (nesse caso, “Cabby”) O símbolo da 1ª Divisão Blindada australiana era pintado no para-lama frontal esquerdo e na traseira, à direita.



Símbolo da 1ª Divisão Blindada australiana.



Matilda “Frog”, Esquadrão de Reconhecimento da 2/1ª Brigada Blindada australiana, Balikpapan, Bornéu, julho de 1945. Os Matildas australianos eram pintados em verde escuro e seguiam o padrão de identificação tática britânica, com um triângulo de cabeça para baixo, como nesse caso, indicando um esquadrão independente. O símbolo da brigada (detalhe) era pintado na placa frontal, à direita, com o número 2-1/214 pintado no centro. O número no alto do número tático indica a unidade. Alguns desses veículos recebiam um pequeno retângulo na lateral do casco, repetido no bagageiro da torre. O significado e a cor desse símbolo são ignorados. Receberam também uma linha vermelha nas laterais que indicava a profundidade segura para vadear um curso d’água.

Os Stuarts australianos do 2/6º Regimento Blindado enfrentaram tanques Tipo 95 japoneses na Nova Guiné. Em outubro de 1943, o 1º Batalhão de Tanques entrou em combate na Península de Huon, descobrindo que seus Matildas eram imunes aos canhões antitanques japoneses. Matildas do 2/4º Regimento também foram enviados para Bougainville em julho de 1945.

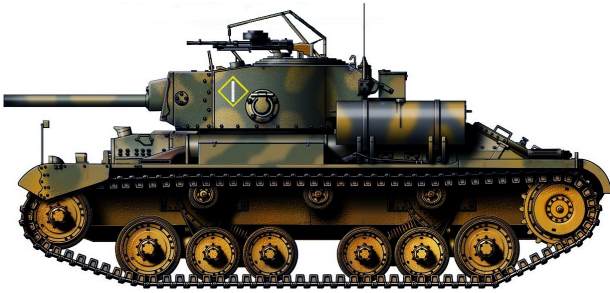
Em agosto de 1944, os australianos substituíram os americanos em Aitape e atacaram na direção de Wewak, com o apoio dos Valentines do 2/4º Regimento Blindado. Em abril de 1945, o 2/9º Regimento Blindado desembarcou em Bornéu equipado com Matildas. Em julho de 1945, o 1º Regimento de Tanques desembarcou em Balikpapan, equipado com veículos especializados, como lança-chamas, bulldozer e porta-pontes.

A Nova Zelândia empenhou apenas um esquadrão de Valentines na Ilha Green em fevereiro de 1944.



Valentine Mk.III CS (Close Support), Esquadrão de Tanques da 3ª Divisão de Infantaria neozelandesa, Ilha Green, 1944. A pintura segue o padrão britânico de *Bronze Green*, embora com variações de tonalidade (mais escuro na torre e superfícies superiores, e médio nas laterais e superfícies inferiores). O tanque ilustrado tem ainda pequenas manchas em verde-amarelado, destinadas a imitar os reflexos do sol através da folhagem, mas evidências fotográficas não estabelecem isso como um padrão para toda a unidade. O “26” em branco dentro do quadrado vermelho representa o 2º Regimento da Brigada de Tanques Neozelandesa.

Os tanques de cada tropa tinham um algarismo romano identificando-a (I a V) nas laterais da torre, no seu bagageiro e, às vezes, no centro da proa. A cor do algarismo romano variava. O branco era para o líder, amarelo para o sargento e vermelho para o cabo. Portanto, o exemplar aqui ilustrado pertencia ao líder da 3ª Tropa. Ele ostenta também o símbolo da Brigada de Tanques Neozelandesa, um dragão rampante (V.abaixo), às vezes pintado na proa ou na traseira, no lado direito, às vezes ao lado do símbolo da 3ª Divisão.



Valentine Mk.III CS (Close Support), veículo de QG do 3º Esquadrão de Tanques, Ilha Green, fevereiro de 1944.



Símbolo da Brigada de Tanques Neozelandesa.



Holanda:

O último dos países a participar diretamente da Guerra do Pacífico com alguma força blindada foi a Holanda, na defesa de suas colônias. Ao contrário dos britânicos em Cingapura, os holandeses reconheciam o valor das forças blindadas nos trópicos e planejaram organizar 6 brigadas mecanizadas. Contudo, das centenas de veículos blindados previstos para equipar essas brigadas, havia apenas algumas dezenas de tanques leves, de modelo antiquado. Havia 25 tanques leves Marmon-Herrington, 24 Vickers Carden Loyd Modelo 1936 e alguns carros blindados. As cores eram as que vinham de fábrica (*Dark Bronze Green* no caso dos tanques britânicos). Praticamente não houve combate de blindados nas Índias Orientais Holandesas, pois, quando o 4º Regimento de Tanques japonês desembarcou em Java, em março de 1942, a maioria dos blindados holandeses já havia sido destruída.

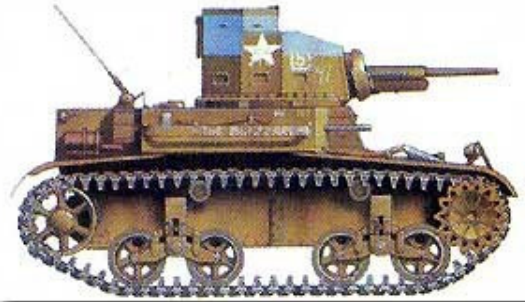


Tanque Leve Vickers Carden Loyd Modelo 1936, Bandoeng, 1941.

Kits:

Os blindados americanos, obviamente, têm uma grande quantidade de kits, em todas as escalas. O problema é que os fabricantes dão preferência a fornecer versões e marcações utilizadas na Europa, com poucos kits contendo decalques de unidades no Pacífico.

O M2A4 tem um kit na escala 1/35 produzido pela Ironside. Com direito a duas figuras e acessórios.



M2A4 1/35 da Ironside.

O "Stuart" é um dos kits mais fáceis de ser encontrado no mercado. A versão M3 é produzida pela Hasegawa (1/72) e pela Tamiya (1/35). A versão M3A1 é produzida pela Academy (1/35) e Verlinden (120 mm, de resina). O da Academy tem o requinte de permitir a opção entre lagartas de vinil e link-by-link. A Tamiya tem ainda o kit do M5A1, na escala 1/35.



Stuart M3 1/72 da Hasegawa.



M3 Stuart 1/35 da Tamiya.



M5A1 Stuart 1/35 da Tamiya.

O “Lee”, ao contrário, tem poucos kits no mercado. Na escala 1/72, ele é produzido pela Hasegawa e pela Mirage; na 1/35, pela Tamiya. A Solido tem ainda um kit dele na pouco comum escala 1/50, com lagartas de metal.



M3A1 1/35 da Academy.



M3 Lee 1/72 da Hasegawa.



Stuart M3A1 120 mm da Verlinden.



M3 Lee da 1/35 Tamiya.

Como você já está careca de saber, o “Sherman” tem uma grande variedade de kits no mercado. Na escala 1/76, ele é produzido na versão M4A1 pela Fujimi (com um jipe de contra-peso). Na escala 1/72 ele é produzido pela Hat (M4), Heller (M4), Airfix (M4) e Italeri (M4A1). A Solido produz o M4A3 na esquisita escala de 1/43 (com lagartas de metal). Já a escala 1/35 é que apresenta maior variedade de versões do Sherman. Ele é produzido pela Dragon (M4A1 e M4A2), Italeri

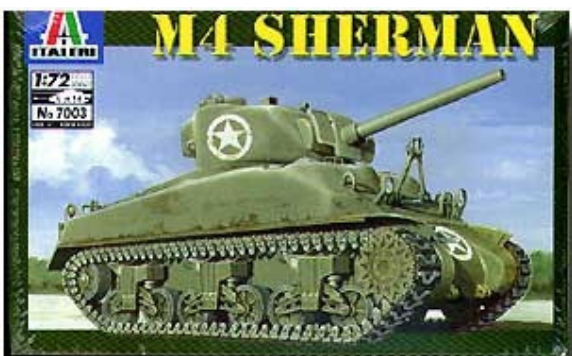
(M4A2) e Tamiya (M4, M4A3 e M4A3 (105 mm)). Finalmente, a Tamiya tem um kit do M4 (105 mm) na escala 1/16. Lembre-se que não vale nenhuma versão de Sherman com canhão de 76 mm!



M4A1 Sherman 1/76 da Fujimi (com um jipe de lambuja).



M4 Sherman 1/72 da Hat.



M4A1 Sherman 1/72 da Italeri.



M4 Sherman 1/72 da Airfix



M4 Sherman 1/72 da Heller.



M4A1 1/35 da Dragon.



M4A2 Sherman 1/35 da Dragon. Trata-se do "Colorado", que desembarcou em Tarawa.



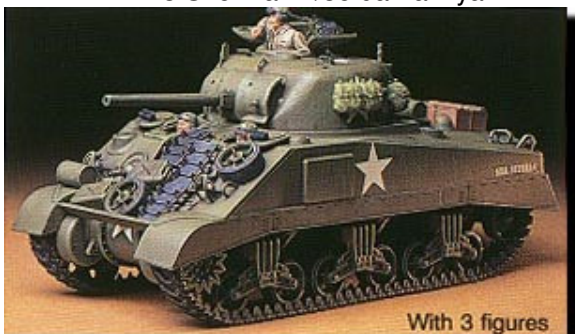
Sherman 1/35 da Italeri. Apesar da caixa só mencionar "M4 Sherman dos Marines", trata-se de um M4A2 da 5ª Divisão de "Marines" em Iwo Jima.



M4A3 (105 mm) 1/16 da Tamiya.



M4A3 Sherman 1/35 da Tamiya.



M4 Sherman 1/35 da Tamiya.



M4A3 (105 mm) 1/35 da Tamiya.

O M10 tem alguns kits no mercado. A Hat tem um kit dele na escala 1/72 e a Academy e a AFV têm versões dele na escala 1/35 (a AFV tem um kit com teto na torre e outro sem).



M10 1/72 da Hat.



M10 1/35 da Academy.



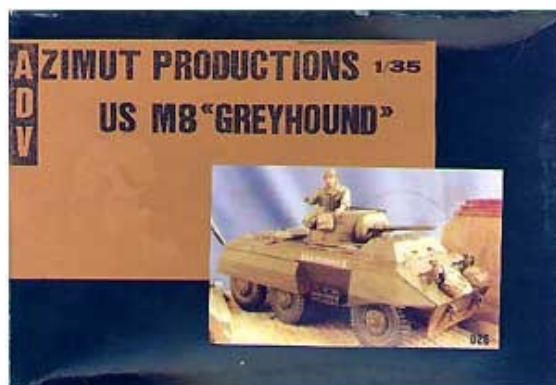
M10 1/35 da AFV Club (com teto).



M18 Hellcat 1/35 da Accurate Armour (resina)



M10 1/35 da AFV Club (sem teto).



M8 Greyhound 1/35 da Azimut.

O M18 também tem alguns kits disponíveis no mercado, todos na escala 1/35 (e todos de fabricantes começando pela letra "A"): a Academy, A AFV e a Accurate Armour produzem kits dele (sendo o último de resina).



M18 Hellcat 1/35 da AFV Club.



M8 Greyhound 1/35 da Tamiya.

Os tanques anfíbios têm poucos kits no mercado, todos na escala 1/35. A Revell tem um kit do LVT(A)-1, enquanto a Italeri e a Modelcraft Canada Kits têm kits do LVT(A)-4. A Italeri tem ainda um kit do LVT-4, também na escala 1/35.



LVT(A)-1 1/35 da Revell



LVT(A)-4 1/35 da Italeri.



LVT(A)-4 1/35 da Modelcraft Canada Kits. A informação de caixa chama o kit de "Alligator".



LVT-4 1/35 da Italeri.

Como é fácil imaginar, a variedade de kits de tanques japoneses não é tão farta quanto à de outras nações. Ainda assim, o modelista não precisa ficar desesperado: os principais modelos de blindados nipônicos têm kits disponíveis no mercado. O Tanquete Tipo 94 é produzido apenas na escala 1/76, pela Ostmodels.

O Tipo 97 Te-Ke é produzido pela Hinchliffe e pela Ostmodels na escala 1/76.

O Tipo 95 Ha-Go é produzido pela Hinchliffe e pela Ostmodels na escala 1/76. Já a FineMolds tem várias versões dele na escala 1/35. O Tipo 4 Ke-Nu é produzido pela Ostmodels na escala 1/76.



Tipo 95 Ha-Go 1/35 da FineMolds.



Tipo 95 Ha-Go 1/35 da FineMolds (versão da Manchúria).

O Tipo 89 é produzido apenas pela Ostmodels na escala 1/76.



Tipo 89 Yi-Go 1/76 da Ostmodels. O nome do kit inclui a designação "Chi-Ro", que é incorreta.

Já o Tipo 97 Chi-Ha é mais popular (mas não muito). Ele é produzido pela WTD (escala 1/87), Fujimi, Hinchliffe e Airfix (1/76), Atlantic (1/72) e Tamiya (1/35).



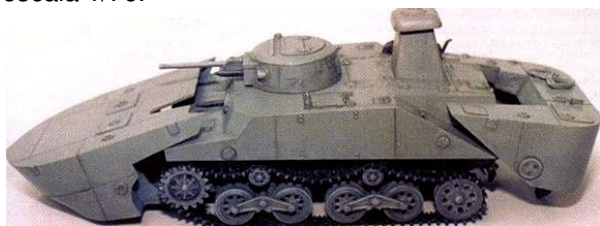
Tipo 97 Chi-Ha da Tamiya, escala 1/35.

Da mesma forma, o Shinhoto Chi-Ha é produzido pela Fujimi e pela Hinchliffe, na escala 1/76, e pela Tamiya, na escala 1/35.



Tipo 97 Shinhoto Chi-Ha da Tamiya, escala 1/35.

O Tipo 2 Ka-Mi é produzido pela Ostmodels na escala 1/76.



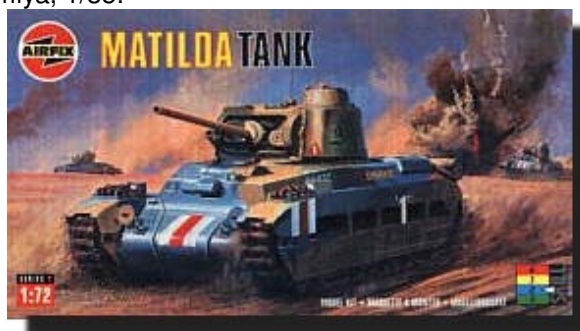
Tipo 2 Ka-Mi 1/76 da Ostmodels.

O Ho-Ni I é produzido pela Fujimi e pela Hinchliffe, ambos na escala 1/76. Já o Ho-Ni Tipo 3, é produzido pela Ostmodels na escala 1/76 e pela Tamiya, na escala 1/35. Finalmente, o Tipo 4 Ho-Ro é produzido na escala 1/76 pela Ostmodels.



Ho-Ni I Tipo 3 da Tamiya, na escala 1/35.

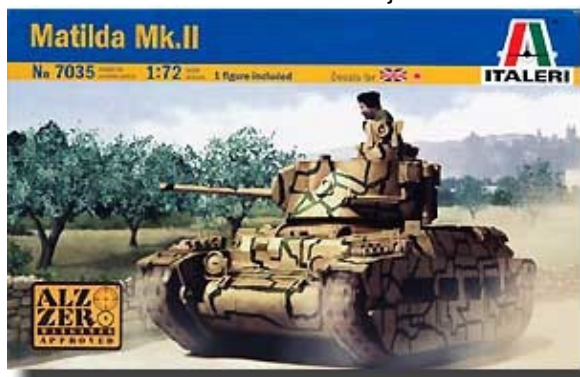
Apenas dois blindados de fabricação britânica nos interessam nessa matéria: o Matilda e o Valentine. A Airfix e a Fujimi têm kits do Matilda na escala 1/76, a Italeri na escala 1/72 e a Tamiya, 1/35.



Matilda II 1/76 da Airfix.



Matilda II 1/76 da Fujimi.



Matilda II 1/72 da Italeri.



Matilda 1/35 da Tamiya.

Poucos fabricantes oferecem kits do Valentine. Um deles é a Fujimi, na escala 1/76. O outro é a Dragon, na escala 1/35. Note que em nenhum dos casos se trata do Valentine III CS.



Valentine 1/76 da Fujimi.



Valentine III escala 1/35 da Dragon.

Note que as linhas de produção das fábricas de kits são dinâmicas, ou seja, estão sempre retirando e lançando produtos. Além disso, é possível encontrar kits fora de produção em estoques de muitas lojas. Portanto, o que foi dito acima é apenas uma orientação.

Até a próxima!